



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA

**MODERNIDADE LÍQUIDA E CUIDADO DE SI: movimentos que permeiam o
professor de enfermagem**

CARUARU
2021

RAIANNE MONTEIRO SOARES

MODERNIDADE LÍQUIDA E CUIDADO DE SI: movimentos que permeiam o professor de enfermagem

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Educação em Ciências e Matemática.

Área de concentração: Educação em Ciências e Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Moura Queiroz

CARUARU
2021

RAIANNE MONTEIRO SOARES

MODERNIDADE LÍQUIDA E CUIDADO DE SI: movimentos que permeiam o professor de enfermagem

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Educação em Ciências e Matemática.

Área de concentração: Educação em Ciências e Matemática.

Aprovada em: 20/12/2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Simone Moura Queiroz (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Conceição Gislâne Nóbrega Lima de Salles (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Valquíria Farias Bezerra Barbosa (Examinadora Externa)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

“Não fui eu que lhe ordenei? Seja forte e corajoso! Não se apavore, nem se desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar [...]”. (BÍBLIA, A.T., Josué, 1:9)

AGRADECIMENTOS

Ao lembrar cada passo dado, deixo as lágrimas escorrerem pelo meu rosto e agradeço, primeiramente, a Deus pela força e discernimento, por não ter me deixado desistir e me guiado em cada escolha, decisão e aprendizado. Gratidão à Nossa Senhora por me proteger com o seu Manto Sagrado, ao Espírito Santo por iluminar o meu caminho e a Jesus, por segurar a minha mão em todos os momentos.

À minha mãe, Rustênia, por todo amor, dedicação e por ser referência em fé, esperança e positividade. Você é meu espelho, luz e confiança. Tudo o que tenho e sou, é graças a você. Ao meu pai, Arnaldo, por ser exemplo de força de vontade, resiliência e cuidado comigo e com o próximo. De tantos aprendizados, desde criança, aprendi a ser guerreira com você e por você. Vocês são meu alicerce e fortaleza e dedico, além do título, todo o meu amor, respeito e gratidão.

À minha Vó Ninar (*in memoriam*) pelo coração mais puro e bondoso que pude conhecer. Gostaria de te abraçar, sentir o seu cheirinho, e poder te contar tudo o que aconteceu comigo nestes últimos anos. Desejo que a senhora esteja orgulhosa de mim, de onde estiver.

Aos familiares e amigos que torceram, acreditaram e oraram por mim.

À querida orientadora Simone Queiroz, por me apresentar uma nova percepção sobre pesquisa e educação, mas, sobretudo, por me conduzir por um olhar outro, sobre mim, sobre a sociedade e sobre a vida. Obrigada pela compreensão, paciência e ensinamentos.

Às colegas que a Filosofia da Diferença e o Mestrado me permitiram conhecer e aprender tanto: Sâmara, Juliana, Cida, Brenda, Amital, Marta e Luana; ao Grupo de Pesquisa Diferença pelas lindas discussões; às professoras Valquíria Bezerra e Conceição Gislâne pelas contribuições importantíssimas que enriqueceram esta pesquisa e ao PPGECEM, por possibilitar a realização de tantos sonhos e acreditar na potência da educação no interior do Estado.

Ao primo e amigo Gleidson Monteiro (*in memoriam*), um dos primeiros enfermeiros a obter o título de Mestre do PPGECEM, por ter me apresentado ao Programa e me incentivado a ingressar nele. Você sempre foi uma inspiração para os enfermeiros pernambucanos.

À Enfermagem, o princípio e sentido da minha vida profissional, à docência, aos discentes e aos professores enfermeiros que aceitaram participar desta cartografia.

A todos que, de alguma maneira, estiveram comigo acreditando e contribuindo para a construção deste trabalho, deixo o meu fraterno: Obrigada!

RESUMO

Desde a graduação até o atual momento de atuação profissional, muitos questionamentos permearam o devir desta pesquisadora, enfermeira e docente. O Mestrado revelou a possibilidade de discutir o cuidado de si (FOUCAULT, 2010) do enfermeiro com o outro e consigo sob à luz da Filosofia da Diferença. Através desta pesquisa, foi possível cartografar (ROLNIK, 1987; GUATARRI, ROLNIK, 1996) professores de enfermagem, participantes da construção de novos enfermeiros, e as suas percepções sobre o cuidado de si na prática educacional (GALLO, 2000) apesar do hiperativismo sócio-cultural (QUEIROZ, 2015, 2016) provocado pela modernidade líquida (BAUMAN, 2001, 2011, 2014). Nesta complexa rede de indagações, o objetivo geral consistiu em investigar as possíveis relações entre a modernidade líquida e o cuidado de si na prática docente de professores de enfermagem de um centro universitário de Pernambuco. No caminho metodológico da pesquisa, optou-se por uma metodologia que permitiu trazer ao campo de estudo múltiplos enunciados e linhas de visibilidade, através da cartografia da subjetividade humana, adentrando em territórios existenciais (DELEUZE, 2005) em busca de subjetivações (FOUCAULT, 2019). Não houve pretensão de realizar generalizações ou encontrar respostas absolutas/únicas para as perguntas, pois as pesquisadoras deste trabalho seguem em devir, e desejavam uma pesquisa rizomática (DELEUZE; GUATARRI, 1992, 1995). Todavia, percebeu-se ser relevante que o educador se torne sujeito ativo das suas práticas e, para isto, poderá adentrar-se, conhecer a si mesmo e buscar ser capaz de governar a si e ao outro, ou seja, ao discente, podendo tornar suas aulas terreno fértil para agenciamentos e reciprocidade entre seus alunos.

Palavras-chave: modernidade líquida; subjetivações; cuidado de si; educação em enfermagem; educação superior.

ABSTRACT

From graduation to the current moment of professional practice, many questions permeated the development of this researcher, nurse and teacher. The Master's course revealed the possibility of discussing the care of oneself (FOUCAULT, 2010) of nurses with others and with themselves under the light of the Philosophy of Difference. Through this research, it was possible to map (ROLNIK, 1987; GUATARRI, ROLNIK, 1996) nursing teachers, participants in the construction of new nurses, and their perceptions about self-care in educational practice (GALLO, 2000) despite socio-hyperactivism -cultural (QUEIROZ, 2015, 2016) caused by liquid modernity (BAUMAN, 2001, 2011, 2014). In this complex network of inquiries, the general objective was to investigate the possible relationships between liquid modernity and self-care in the teaching practice of nursing professors at a university center in Pernambuco. In the methodological path of the research, we opted for a methodology that allowed bringing to the field of study multiple statements and lines of visibility, through the cartography of human subjectivity, entering existential territories (DELEUZE, 2005) in search of subjectivations (FOUCAULT, 2019). There was no intention of making generalizations or finding absolute/unique answers to the questions, as the researchers in this work continue to become, and wanted a rhizomatic research (DELEUZE, GUATARRI, 1992, 1995). However, it was perceived to be relevant that the educator becomes an active subject of their practices and, for this, they will be able to enter, know themselves and seek to be able to govern themselves and the other, that is, the student, being able to make their classes fertile ground for agency and reciprocity among their students.

Keywords: liquid modernity; subjectivations; take care of yourself; nursing education; college education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Imagem 1: Tempo que não espera	44
Figura 2 -	Imagem 2: Correndo contra o tempo e inúmeras funções	44
Figura 3 -	Imagem 3: Sobrecarga de trabalho	44
Figura 4 -	Imagem 5: Ilhados nas tecnologias	46
Figura 5 -	Imagem 9: Adoecimento profissional	50
Figura 6 -	Imagem 6: Eterna insatisfação	52
Figura 7 -	Desenho de Céu se representando	57
Figura 8 -	Desenho de Luíza se representando	57
Figura 9 -	Desenho de Maktub dedicado a si	58
Figura 10 -	Desenho de Madalena dedicada a si	58
Figura 11 -	Desenho de Larissa dedicada a si	59
Figura 12 -	Desenho de Céu dedicada a si	59
Figura 13 -	Desenho de Maktub sobre dificuldades em realizar tarefas	59
Figura 14 -	Desenho de Luíza sobre interferências negativas durante suas aulas	60
Figura 15 -	Desenho de Maktub sobre interferências negativas durante suas aulas	60
Figura 16 -	Carta de Céu para si	62
Figura 17 -	Carta de Luíza para si	63
Figura 18 -	Desenho de Maktub sobre cenário ideal para o cuidado de si	64
Figura 19 -	Desenho de Larissa sobre cenário ideal para o cuidado de si	64
Figura 20 -	Desenho de Madalena sobre cenário ideal para o cuidado de si	64
Figura 21 -	Desenho de Luíza sobre as contribuições do cuidado de si	65
Figura 22 -	Múltiplos caminhos	69

LISTA DE SIGLAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
COVID-19	Corona Virus Disease
IES	Instituição de Ensino Superior
OMS	Organização Mundial de Saúde
PPGECM	Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1	RELICÁRIO	12
2	DESVENDANDO O PERCURSO DA PESQUISA	17
3	CONVITE Nº 01 – UM OLHAR OUTRO: RESSIGNIFICAÇÕES INACABADAS	25
4	CONVITE Nº 02 – (RE)CONHECENDO PARA CUIDAR	32
5	CONVITE Nº 03 – PROPORCIONANDO SENTIDO ÀS MEMÓRIAS: REVISITANDO O RELICÁRIO	37
6	CONVITE Nº 04 – INTERLIGANDO CENÁRIOS	42
6.1	Cenário 1: Pelo olhar de Paula	42
6.2	Cenário 2: Pelo olhar de Ana	49
6.3	Cenário 3: Pelo olhar de Michele	52
6.4	Cenário 4: Interconexões: Olhares múltiplos	54
7	À FILOSOFIA DA DIFERENÇA: GRATIDÃO!	67
	REFERÊNCIAS	70
	APÊNDICE A – IMAGENS QUE REPRESENTAM A MODERNIDADE LÍQUIDA	75
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO	78
	APÊNDICE C – MAPAS NARRATIVOS	79
	APÊNDICE D – CARTA A SI	80

1 RELICÁRIO

De todas as significações de relicário, gosto especialmente da que o define como uma caixa ou um lugar destinado a guardar e proteger coisas preciosas e de grande valor. Eu possuo um relicário “físico”, mas para a construção deste trabalho, adentrei no relicário da minha memória e do que tenho em mim, onde encontro vivências, recordações, inquietações e indagações que, neste caso, iluminaram o que pretendíamos desvendar. Em breve, discutiremos que apesar do relicário nos remeter a ideia de uma caixa, nesta pesquisa haverá uma modelagem diferente. Ele não possui enquadramento e nem limites, mas uma complexa rede que não permite delimitações padronizadas, e sim o inverso. Neste relicário, buscaremos “sair da caixinha”.

Minha trajetória acadêmica iniciou-se no ano de 2008, no Curso de Bacharelado em Enfermagem. De acordo com Neto et al. (2020), a institucionalização do Sistema Único de Saúde (SUS) e regulamentação da Lei Orgânica de Saúde nº 8.080/1990, proporcionaram mudanças técnicas e ideológicas, com o objetivo de atender demandas demográficas e epidemiológicas, de modo que foi necessário readequar à formação dos profissionais de saúde, especialmente, dos enfermeiros. Entretanto, embora passados tantos anos, ainda há dificuldades no âmbito da educação em enfermagem, como por exemplo, tendências na manutenção do modelo tradicional de ensino, fragilidades e fragmentações nas estruturas curriculares, além de distanciamento entre teoria, prática e atividades de pesquisa. Neste sentido, muitos cursos de graduação, seguem um formato predominantemente biologicista, direcionando o enfermeiro ao campo prático e assistencial. Porém, é importante ressaltar que neste percurso, também é mostrado como este profissional deve ser humanista, conduzindo a assistência de forma integral e holística, baseada em evidências científicas.

A enfermagem tem como premissa a prestação de cuidados que promovam a prevenção, promoção e recuperação da saúde dos seus pacientes e deve ser exercida com responsabilidade, ética e sensibilidade. Carl G. Jung apresenta um pensamento que deveria conduzir a assistência dos profissionais de enfermagem: “Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao

tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”. Esta frase sempre me provocou grandes reflexões, visto que a enfermagem presta cuidados aos sujeitos, desde o nascimento até o momento que estes despedem-se deste mundo, de modo que dentre tantos sentimentos, o amor e a empatia destacam-se neste ofício. Entretanto, percebe-se que apesar de exercer a profissão com tanta dedicação ao outro, o enfermeiro não dedica-se tanto a si mesmo.

Barbosa et al. (2012), sinalizam que os profissionais de enfermagem pertencem a um grupo com maior propensão de desenvolvimento de problemas de saúde mental, pois lidam, diariamente, com alegrias e histórias de superação, mas também com dor, tristeza e sofrimento humano. Geralmente, espera-se o cuidado ao outro através do trabalho desempenhado, porém, por outro lado, estes profissionais também podem precisar de cuidados. E o que seria esse cuidado? Quem cuida de quem cuida? Os enfermeiros percebem-se como sujeitos que necessitam de cuidados?

Estes questionamentos sempre me inquietaram desde a graduação, até que em 2012, ao ser aprovada no Programa de Residência de Enfermagem, para obtenção do título de especialista em Unidade de Terapia Intensiva, percebi que estas inquietações aumentavam a cada dia, pois percebia colegas de trabalho exaustos, desmotivados, sobrecarregados e relatando que não tinham tempo para si. Estas experiências despertaram em mim novas perguntas: como o enfermeiro pode cuidar do outro, se não cuida de si? Estes profissionais conhecem os seus limites, ou melhor, se conhecem? Em que momento o enfermeiro percebe a necessidade de estabelecer uma pausa para voltar os olhos também pra si? Se houvesse esse tipo de reflexão ainda durante a graduação, os processos de adoecimento dos profissionais poderiam ser menores? A partir destas indagações e das possíveis respostas para elas, decidi que gostaria de participar da formação profissional de novos enfermeiros, para que, de alguma maneira, pudesse despertar no discente o desejo de ser diferente e melhor para o paciente e para si.

Desta maneira, em 2014, ingressei como docente no Curso de Bacharelado de Enfermagem, e me encantei com a possibilidade de contribuir com a formação de enfermeiros que atuariam no estado de Pernambuco, nas mais diversas áreas. Embora, muitos destes enfermeiros formados na modalidade de Bacharelado trabalhem com a assistência em unidades básicas

de saúde e hospitais, muitos também se tornam docentes em cursos técnico e superior.

Valente (2009), afirma que grande parte dos professores de enfermagem, embora tenham títulos de mestres ou doutores, não necessariamente foram formados para prática pedagógica, nem de ensino e aprendizagem que os aperfeiçoem a exercer a docência com a mesma competência que as práticas referentes à sua formação específica, ou seja, a licenciatura. Deste modo, reconheci que a minha responsabilidade como docente ia muito além de formar apenas enfermeiros. Apesar da formação inespecífica, eu também contribuiria diretamente com a constituição de outros professores, que por sua vez, formariam novos enfermeiros assistencialistas e docentes, em um grande ciclo.

Apenas com o Bacharelado e especialização, mas nutrindo um enorme desejo de permanecer na docência, tornei-me aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM), através da disciplina Filosofia da Diferença: Cartografia (teoria e prática), ministrada pela Prof.^a Dra. Simone Moura Queiroz.

Durante a minha formação acadêmica e profissional, conheci superficialmente algumas definições de Filosofia. Mas nunca havia ouvido falar em Filosofia da Diferença. Neste início de descoberta, falava-se em cartografia, territórios e afetações, e eu não compreendia como poderia haver relação entre estes conceitos com a Educação. Nos primeiros momentos deste meu encontro com a disciplina, li sobre linhas de força, diagramas, curvas de enunciação e visibilidade, saber, poder, subjetivações e desterritorialização. Na tentativa de compreender do que se tratava, me rendi às novas possibilidades que estas discussões proporcionavam e que me afetavam, em um processo de desconstrução/reconstrução, através de leituras e debates sobre Foucault, Deleuze, Bauman, Larrosa, Queiroz, Tártaro, Rolnik e tantos outros que me agenciaram.

Neste mergulho, cursei outra disciplina intitulada de Filosofia da Diferença: dispositivo sala de aula e participo do Grupo de Pesquisa Diferença, coordenado por Simone Queiroz, em parceria com outros colegas que, assim como eu, pretendem adentrar cada vez mais neste universo.

Em 2019, fui aprovada no processo seletivo para ingresso no Mestrado do PPGECM – UFPE, e percebi-me com um intenso desejo de estudar a Filosofia

da Diferença e seus diversos caminhos. Mas não apenas isto. Eu ansiava por mais. Gostaria de associá-la à minha área de formação. Desejava falar sobre filosofia, educação e enfermagem. E de repente, tudo fez sentido!

As indagações que fazia desde a faculdade até o atual momento de atuação profissional, acerca do cuidado do enfermeiro com o outro e consigo poderiam ser discutidas à luz da filosofia da diferença. Eu poderia investigar, dentre tantas possibilidades, se os docentes de enfermagem, que participam da construção de novos enfermeiros, conheciam e aplicavam o cuidado de si na sua prática docente, apesar da modernidade líquida e do hiperativismo sócio-cultural, discutido, respectivamente, por Bauman (2001, 2011 e 2014) e Queiroz (2013, 2015, 2016).

Desejamos explorar o mundo da experiência vivida. E descobrir como esse emaranhado de linhas entre o cuidado de si e a modernidade líquida podem afetar a prática do docente surgem como pontos de luz para a importância desta pesquisa. Ademais, estas pesquisadoras desejavam adentrar a superfície do visível, e se propuseram a pesquisar se o docente acredita que o cuidado de si pode contribuir para a formação de enfermeiros humanizados e holísticos. Queríamos investigar se para que este processo ocorra, o professor necessita adentrar-se e conhecer-se, sendo capaz de cuidar de si e dos seus alunos, futuros enfermeiros, que por sua vez, também cuidarão de si, de pacientes e seus familiares, de novos enfermeiros em formação, que poderão proporcionar mudanças acadêmicas, assistenciais e éticas para toda a sociedade.

Não houve pretensão de realizar generalizações ou encontrar respostas absolutas/únicas para as perguntas. As pesquisadoras ansiavam por uma pesquisa rizomática, um devir pesquisa. Para Deleuze e Parnet (1998), o devir não pode ser caracterizado em um único movimento, mas sim de maneira inacabável, onde não há limites para o início ou fim. Dessa forma, esta caminhada não tem pretensão de encontrar a linha final da construção de aprendizagem, mas o percurso, o entre e o meio do horizonte movente.

Nesta complexa rede de indagações e possíveis caminhos, tentamos responder à **pergunta** que nos instigou para a construção desta pesquisa: *Quais as possíveis relações entre a modernidade líquida e o cuidado de si na prática docente de alguns professores de enfermagem?*

Desta maneira, o nosso **objetivo geral** foi investigar as possíveis relações entre a modernidade líquida e o cuidado de si na prática docente de alguns professores de enfermagem de um centro universitário do Agreste de Pernambuco, seguido dos seguintes **objetivos específicos**: (1) Identificar os principais elementos da modernidade líquida presentes no devir de alguns professores de enfermagem; (2) Conhecer práticas de cuidado de si dos professores; (3) Investigar possíveis implicações da relação entre a modernidade líquida e o cuidado de si na atuação do docente.

2 DESVENDANDO O PERCURSO DA PESQUISA

Para trilhar o caminho metodológico da pesquisa, foi necessário direcionar o olhar para os objetivos deste estudo. É certo que há uma imensidão de possibilidades, no entanto, optamos por uma metodologia que nos permitiu trazer ao campo de estudo as subjetivações e agenciamentos, além de múltiplos enunciados e linhas de visibilidade. Para isso, foi necessário adentrar nos territórios existenciais dos sujeitos pesquisados, dando língua aos afetos que pediam passagem (ROLNIK, 1987).

Neste cenário, realizamos um estudo de natureza qualitativa. As pesquisas qualitativas preocupam-se com características da realidade que não podem ser mensuradas, de modo que possuem como eixo a abrangência e a compreensão da dinâmica presente nas relações sociais. De acordo com Minayo (2001),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (p. 22).

Para Minayo (2017), o investigador de pesquisas qualitativas apresenta diversas particularidades no processo de investigação da sua pesquisa, dentre elas, desprender-se de questões numéricas e mensuráveis, atentar-se às questões de amostragem e saturação, além de estimar a qualidade e verdade dos dados obtidos. Portanto, a pesquisa qualitativa deve proporcionar reflexões acerca dos fenômenos estudados, objetivando o aprofundamento da produção de dados.

Denzin e Lincoln (2005) reforçam que este tipo de pesquisa está relacionado ao mundo das experiências vivenciadas. Outros autores como Ferigato e Carvalho (2011), complementam que embora possuam múltiplas abordagens teóricas, os trabalhos qualitativos devem considerar algumas particularidades além das experiências, como por exemplo, o contexto dos participantes e do objeto que será pesquisado, bem como a complexidade histórica do campo.

Nesta pesquisa tentamos valorizar a produção de subjetividades. Desta maneira, fez-se necessário considerar que os sujeitos se constituem como seres singulares e múltiplos, e estas características permearam a produção de dados deste estudo. Estas concepções estão pautadas na Filosofia da Diferença e aproximou-nos da cartografia.

De acordo com Ferigato e Carvalho (2011), no campo da Geografia, a cartografia é uma ciência que trata da representação gráfica de territórios terrestres, de modo a produzir, utilizar e estudar mapas. Esta pesquisa explorou territórios, mas não os físicos. Neste estudo, consideramos a cartografia da subjetividade humana, e adentramos em territórios existenciais, que para Mansano (2009) “nada mais são do que composições provisórias de forças” (p. 116), onde é possível explorar olhares, escutas e sensibilidades (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010), em busca dos sentimentos, marcas e devir. Durante este percurso, discutimos como a cartografia atuou como um meio de produção de dados para as pesquisas em educação.

A instituição escolhida para o presente estudo foi um Centro Universitário localizado em um município do interior de Pernambuco, que constitui-se como uma universidade de caráter privado, dispondo de mais de 25 cursos de graduação, além de cursos de pós-graduação nas áreas de saúde e gestão. Dentre eles, destaca-se o Bacharelado em enfermagem, que atualmente conta com aproximadamente 852 discentes e 43 docentes, dos quais destes, 31 são enfermeiros.

Os participantes da pesquisa são professores enfermeiros, que possuem bacharelado ou licenciatura, com titulações de especialista, mestres, doutores ou pós-doutores. O curso de Bacharelado em Enfermagem da instituição em questão, possui um quadro de docentes que pode ser dividido em duas modalidades: professores que ministram as disciplinas da matriz curricular em sala de aula física e tutores que ministram as disciplinas de estágio supervisionado, em campos práticos. Para este estudo foram selecionados, aleatoriamente, cinco professores das duas modalidades, considerando que os dois campos são imprescindíveis para a formação dos enfermeiros. Foram excluídos da pesquisa os professores que ministram as disciplinas, mas não são enfermeiros, ou que estavam de licença médica ou licença-maternidade, durante a produção dos dados.

Antes da coleta de dados os participantes da pesquisa foram informados sobre os objetivos desta pesquisa, riscos e benefícios, além de serem instruídos quanto à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Tentando afastar-nos da tradicional metodologia que enquadra, define e generaliza os resultados de uma pesquisa, trilhamos o nosso percurso através da cartografia da subjetividade humana. De acordo com Passos, Kastrup e Escóssia (2010), esta pode ser considerada como uma pesquisa de intervenção, uma vez que adentra nas afetações dos pesquisadores e pesquisados, mergulhando nos agenciamentos e subjetivações que, por sua vez, misturam-se no processo de produção-com-o-outro. Rolnik (1987) complementa:

Sendo tarefa de o cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias (p.1).

Para realizar este tipo de pesquisa é necessário percorrer terras desconhecidas e mergulhar nas experiências dos participantes, e para isto, percebe-se a cartografia como um método necessário para a produção de dados.

De acordo com Rolnik (1987), é difícil descrever quais são os procedimentos utilizados pelo cartógrafo, pois ele descobre à sua própria maneira, através do seu olhar vibrátil, como conduzir-se durante o processo cartográfico. O pesquisador deve ser sensível a todos os movimentos que transpassam o seu trabalho, e projetar-se como um surfista que disciplina o seu corpo e mente não para os movimentos esperados, mas sim para as ondas que ele ainda não viu.

Esta pesquisa foi desenvolvida desde o ano de 2019 e, considerando a necessidade de planejar, mesmo que temporariamente a metodologia do trabalho, as pesquisadoras vislumbravam um determinado percurso inicial, realizado presencialmente com todos os participantes da pesquisa. Entretanto, conforme será narrado ao longo do trabalho, o mundo transformou-se, de forma inesperada, devido ao surgimento da pandemia de Corona Virus Disease (COVID-19) em março de 2020, período programado para realização da cartografia.

Neste cenário, que exigiu novas recomendações, destacava-se a necessidade de distanciamento/isolamento social e foram necessárias adaptações para a produção de dados desta cartografia. Dessa forma, foi solicitado o endereço dos participantes para que fosse possível encaminhar para as suas respectivas residências, o material necessário para a realização da “cartografia virtual”. As datas de envio foram combinadas previamente, e todos os itens e instrumentos necessários foram enviados cumprindo as recomendações de cuidados e higiene para prevenção do COVID-19.

Foram realizadas chamada de vídeo gravadas com os participantes e, após a conclusão, retornava à residência dos professores para resgatar os materiais, cumprindo, novamente, as recomendações para prevenção de COVID-19.

Entre tantos sentimentos provocados pela pandemia, em relação à pesquisa, muitas dúvidas perpassavam pelas pesquisadoras: como ter um olhar vibrátil através de uma tela? Como perceber as linhas de visibilidade e enunciação através de um fone de ouvido? De que forma seríamos afetados pelas marcas e subjetividades, virtualmente, quando a presença é tão necessária para a realização de uma cartografia? Apesar dos questionamentos, a preservação da saúde era prioridade e recalculamos as rotas, sabendo que não seria fácil, mas que seria possível.

Seguimos com as etapas planejadas inicialmente, realizadas com o auxílio das tecnologias da pós-modernidade e tão presentes no mundo líquido, através dos seguintes passos:

- Etapa 1: utilização de imagens que representam características da modernidade líquida, para que o professor selecionasse algumas com as quais possuía alguma identificação, seja do ponto de vista pessoal ou social, e comentando o que elas significavam, descrevendo o quanto estas características estavam presentes no seu cotidiano e lugares que frequenta;
- Etapa 2: aplicação de questionário semiestruturado, contendo perguntas que abordam a temática do mundo líquido e das práticas de cuidado de si do professor;
- Etapa 3: construção de mapas narrativos, pelos participantes da pesquisa, abordando o cuidado de si, elementos da modernidade líquida e a prática docente;

- Etapa 4: produção de uma carta para si, com reflexões acerca de como o cuidado de si do professor poderia impactar a sua profissão.

Durante o planejamento inicial, também havíamos pensado na possibilidade de utilização de Diário de Campo, para auxiliar na sistematização das informações, entretanto, por não estar fisicamente próximo dos participantes, corria-se o risco de perdas de registros não verbais, captados através da observação atenta da pesquisadora, através das telas.

Segundo Rolnik (1987), o cartógrafo busca diversas fontes que o ajudem a compor a sua cartografia, sem pretensão de explicar ou analisar, sendo mais importante “[...] mergulhar na geografia dos afetos (p. 2)”. Desta maneira, embora tivéssemos uma provável sequência para utilização dos instrumentos, tentamos valorizar o que pedia o contexto no momento da cartografia.

Diversos instrumentos podem ser utilizados durante a condução de uma pesquisa. No que concerne ao questionário, discute-se sobre a facilidade e simplicidade desse recurso. De acordo com Gil (2010), este instrumento permite uma investigação com números elevados – ou não – de questões, no formato de escrita aos participantes, objetivando identificar ou conhecer interesses, vivências e opiniões. Entretanto, para adentrar no território existencial, aprofundando-se nas subjetividades humanas, apenas a utilização do questionário seria insuficiente.

Ao considerar que as informações obtidas através do questionário podem ocultar, intencionalmente ou não, afetações importantes ao cartógrafo, este estudo também utilizou mapas narrativos que, para Gasparotto (2010), caracterizam-se como desenhos feitos pelos participantes da pesquisa, através de solicitação do pesquisador. Neste sentido, os desenhos são acompanhados de narrativas, gravadas ou filmadas pelo cartógrafo, que não necessariamente referem-se apenas aos desenhos, mas a tudo o que pode dar contextualização e sentido ao que se desenha. Para Bovo (2011), os desenhos

[...] são uma forma de encaminhar uma conversa, de disparar uma entrevista outra (não aquela a que o entrevistador quer, com “respostas” que ele quer ouvir) e de checar os dados obtidos com a narrativa. A combinação desenho-narrativa é um mapa. Daí o nome mapa narrativo (p.22, grifo do autor).

Neste sentido, os participantes da pesquisa tentaram exprimir suas reflexões através da construção dos mapas narrativos, não apenas pela realização do desenho, mas também pela linguagem gestual durante a explicação do que se desenhava. De acordo com Queiroz (2015), os desenhos nos conduzem a múltiplos espaços, visto que o formato original de perguntas e respostas da entrevista se desfaz e conecta o cartógrafo ao cartografado, através das marcas e desejos. Para esta autora, os mapas, com suas verbalizações e gestos, podem complementar o que não foi obtido através das entrevistas e questionários.

Neste procedimento, o cartógrafo precisa captar os afetos dentro do território pesquisado, percebendo todas as relações como uma rede de forças que atravessam os sujeitos. Desta maneira, o pesquisador pode mapear e acompanhar os processos que acontecem dentro da rede, transpassando as curvas de visibilidade e enunciação, discutidas por Foucault entre 1926-1984, em *História da sexualidade – o cuidado de si* (FOUCAULT, 2019).

Com o objetivo de convidar o participante a adentrar-se, durante a cartografia, solicitamos que escrevesse uma carta para si. Este recurso esteve inspirado nas ideias das “técnicas de si”, discutidas por Foucault (1994; 2010). A escrita pode ser considerada como um elemento de exercício, visto que ao escrever, assimila-se o que se pensa, e ao fazer a leitura para si mesmo, é possível guardar os pensamentos à própria disposição, reativando verdades, sempre que necessário. Nessa perspectiva, a leitura, escrita e anotação para si, podem se constituir como técnicas fundamentais para o cuidado de si e, consequentemente, cuidado com o outro (FOUCAULT, 2010).

Através destas etapas, “mapeamos” os territórios existenciais dos professores de enfermagem, identificando possíveis relações da modernidade líquida e cuidado de si na prática do docente.

Segundo Deleuze e Guattari (1995), a cartografia valoriza muito mais os processos do que os estados de coisa, ou seja, considera que os contextos estão em transformação constante, e investiga elementos em movimento. Considerando a complexidade desse emaranhado de linhas que agenciam, a realidade do campo da pesquisa está em contínua modificação.

A transformação da realidade [...] também ocorre a partir do próprio observador e das interferências da pesquisa no universo real, o que implica o pesquisador com o campo problemático na transformação de si, do objeto e do seu contexto, conferindo ao trabalho da pesquisa seu caráter intrínseco de intervenção (FERIGATO; CARVALHO, 2011, p. 667).

Na cartografia, o caminho percorrido é mais importante que a chegada, e neste percurso, o cartógrafo não necessariamente precisa de protocolos institucionalizados, inundando-se de múltiplas subjetividades. Neste sentido, em 2010, os autores Passos, Kastrup e Escócia produziram o livro “Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividades”, que contribuíram significativamente para o avanço deste tipo de pesquisa.

No livro em questão, os autores e colaboradores apresentam oito pistas que podem contribuir para a construção da cartografia.

A primeira pista indica que toda pesquisa é constituída de intervenção, não sendo possível separar o campo de análise do campo de intervenção. A segunda pista discorre sobre gestos de atenção necessárias à cartografia, citando o toque, o rastreio, o pouso e o reconhecimento atento, o que Rolnik (1987) poderia chamar de olhar vibrátil. A terceira ideia, já discutida neste trabalho, reforça que a cartografia acompanha processos em movimentos. A quarta, discorre sobre os movimentos e funções dos dispositivos que os sujeitos estão inseridos.

A quinta pista, apresenta a cartografia como uma estratégia de acesso à um plano coletivo de forças que constituem os participantes da pesquisa. A sexta ideia aponta a ideia de ruptura do ponto de vista do cartógrafo, de modo que ele não conduza a pesquisa com juízos de valores pré-concebidos. A pista número sete indica a necessidade de o cartógrafo adentrar nos territórios que o cartografado habita. E a oitava pista indica que a importância de renovar as formas tradicionais de escrever uma pesquisa, valorizando as narrativas (PASSOS; KASTRUP; ESCÓCIA, 2010; FERIGATO; CARVALHO, 2011).

Nesta pesquisa, desejávamos que a transversalidade estivesse presente e, de acordo com Guattari (2004), esta característica facilita a comunicação entre os sujeitos, ao mesmo tempo que desconsidera processos hierárquicos, de modo que propicia espaço para as diferenças. A partir disto, para o autor, a análise da cartografia é também descrição, intervenção, subjetividade e transformação de ações dentro do campo pesquisado.

No que se refere as considerações éticas deste trabalho, fez-se necessário ressaltar que foi solicitada a Carta de Anuência a reitoria do Centro Universitário, onde foram especificados os objetivos da pesquisa para que esta fosse autorizada. Após isso, o projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil, a fim de que fosse avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme regulamenta a Resolução nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, e autorizado através do CAAE 36113220.3.0000.5666.

Durante a realização do estudo, para que o entrevistado não se sentisse constrangido com as perguntas, asseguramos a confidencialidade das respostas, garantindo que os participantes não seriam identificados, mantendo sua privacidade, além de receberem esclarecimento prévio sobre a pesquisa através do TCLE. Os docentes foram informados sobre os benefícios do resultado da pesquisa como, a importância da compreensão por parte do professor acerca do cuidado de si na sua prática docente.

Após a conclusão deste estudo, os dados encontrados retornarão à Instituição de Ensino Superior, na perspectiva de que os profissionais inseridos nesta investigação possam conhecer e/ou intervir, se necessário, na realidade encontrada.

3 CONVITE Nº 01 – UM OLHAR OUTRO: RESSIGNIFICAÇÕES INACABADAS

“Ressignificar é olhar de dentro para fora. é encontrar novidade no que a gente vê todo dia. É saber que as coisas mudam tanto quanto pessoas. É recriar o que um dia foi criado. É saber lidar com o novo. É um exercício de autoconhecimento. É um ato de extrema liberdade em que a gente pinta o mundo à nossa volta do jeito que a gente vê”.
(O livro dos resignificados – João Doederlin)

Precisamos adentrar no universo desta pesquisa, e tantas incertezas e questionamentos perpassam em minha mente. Sempre fui metódica, racional e objetiva, e agora me sinto completamente agenciada pelas subjetividades. Eu, pesquisadora, me sinto insegura, porém motivada a desbravar terras desconhecidas.

Revisitando o meu relicário, recordei de três mulheres que conheci há algum tempo e resolvi fazer-lhes um convite: gostaria que elas contribuíssem com o desenvolvimento desta pesquisa, e me ajudassem a romper algumas barreiras cartesianas que possuo e, para a minha satisfação, todas afirmaram que caminharíamos juntas pelo percurso deste trabalho. Nesta pesquisa, as chamarei por nomes fictícios, como forma de não permitir os seus reconhecimentos, bem como para homenagear algumas pessoas.

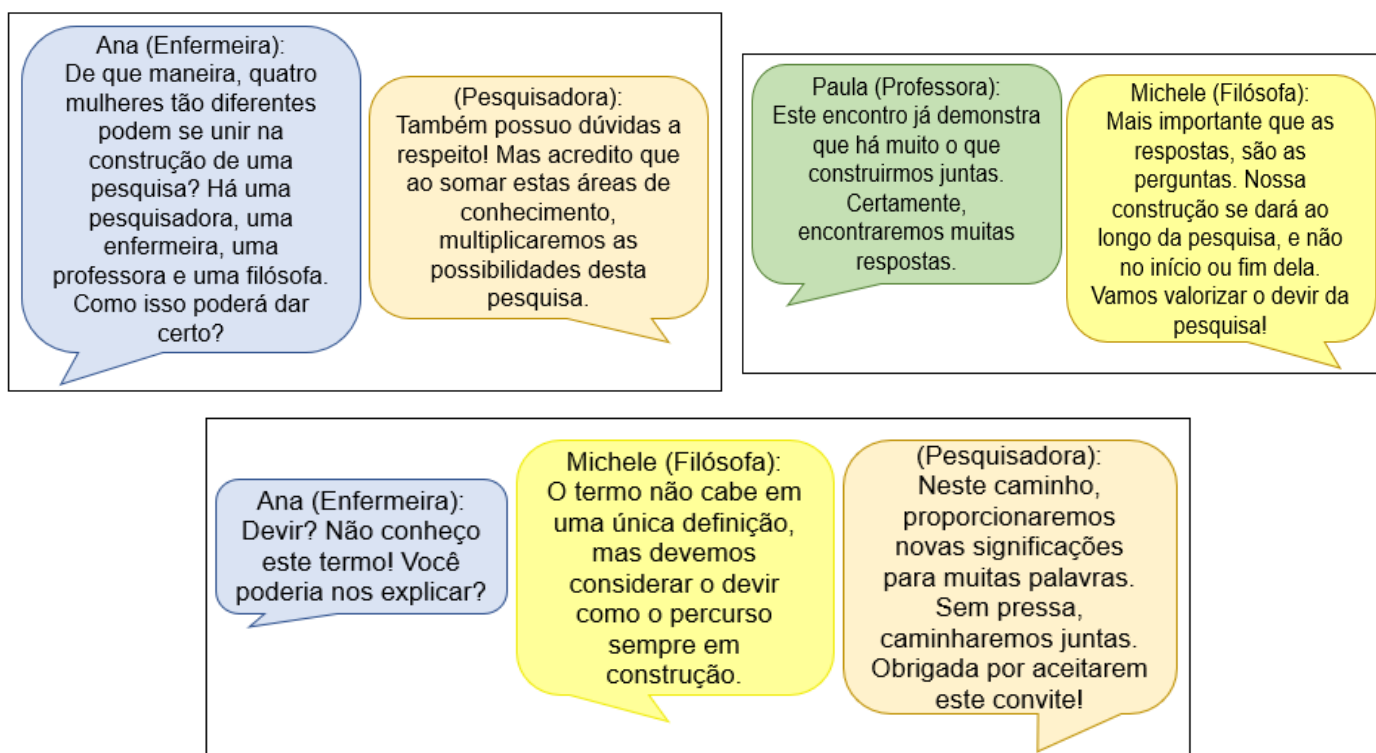
A primeira é enfermeira e será chamada de Ana, em referência a Anna Nery, uma mulher corajosa, que enfrentou os limites impostos ao seu gênero, em 1865, e tornou-se pioneira da enfermagem no Brasil. Ana é uma amiga que trabalha em um Hospital Público assistindo pacientes em estado grave. É uma mulher resiliente e determinada que poderá contribuir discorrendo sobre como os enfermeiros enfrentam as adversidades da assistência e o quanto estão preparados (ou não!) para lidar com os pacientes, familiares e colegas de trabalho. Juntas, através da pesquisa, adentramos em muitos universos e também podemos investigar maneiras de superar os desafios de outros enfermeiros no cuidado consigo e com o outro.

A segunda amiga é professora, e a chamaremos de Paula, em homenagem a Paulo Freire, educador, filósofo e Patrono da Educação Brasileira. Paula é docente, proativa, possui grande empatia pelos seus alunos e sente-se realizada com a profissão. Entretanto, costuma discutir sobre as dificuldades de

ser professora em uma sociedade digital, conectada e tecnológica, porém com sujeitos dispersos, hiperativos e apressados. Neste cenário, dentre tantas possibilidades, tentamos identificar quais elementos desta nova sociedade podiam afetar o professor e a sua prática como docente.

A terceira mulher é filósofa e será denominada de Michele, em referência a Michel Foucault, mente brilhante, professor, escritor e filósofo, que contribuiu com múltiplas áreas do Saber e que foi um dos principais autores referenciados nesta pesquisa. Michele é crítica, curiosa e questionadora. Através de reflexões e estudos, provoca inquietações nas nossas “certezas” e nos retira da “zona de conforto”.

No nosso primeiro encontro, surgiram muitas indagações:



Como falar sobre desejos, experiências, sentimentos e afetações em uma pesquisa científica? Como discorrer sobre subjetivações e linhas de força com pessoas que estão sempre muito ocupadas? Como conversar com os professores que, na maioria das vezes, estão sobrecarregados e com pressa? Sujeitos imersos na automaticidade e no excesso de trabalho, são constantes na

sociedade moderna, e refletem algumas características da modernidade líquida. De acordo com Bauman (2001),

Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”[...] diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho (p.8, grifo do autor).

O conceito de modernidade líquida, criado e explorado pelo sociólogo e autor Bauman, em diversas obras, refere-se ao mundo da pós-modernidade, onde os acontecimentos são fluídos e efêmeros. Os líquidos, assim como a pós-modernidade, movem-se rápido e facilmente, mas não sem consequências.

Este mundo, assim como os líquidos, não mantém a mesma forma por longos períodos, passando por transformações constantes, e ocasiona mudanças de foco. Deste modo, o que provocava alguma atenção ontem, não atrai mais no presente e certamente instigará os sujeitos de outra maneira no amanhã. Tanta modernidade permite que a adequação do hoje, torne-se impensável no futuro e logo vamos sendo “[...] arrastados na viagem, por bem ou por mal, conscientemente ou não, alegres ou infelizes, mesmo que tentemos ficar parados, sem sair do lugar” (BAUMAN, 2011, p. 9).

Ana (Enfermeira):
É interessante aprender sobre esse mundo. Ainda não posso afirmar, mas acredito que muitos pacientes e enfermeiros adoecem inundados por tal liquidez.

Vivemos em um tempo que se esvai sem que tenhamos realizado todas as atividades que foram planejadas, acumulamos outras tarefas, somamos novas demandas e inundamo-nos de frustrações. O sujeito pós-moderno possui um turbilhão de atribuições pessoais, profissionais e sociais, mas também acredita que deve estar sempre conectado, atualizado, com acesso a diversas informações para que possa emitir julgamentos sobre tudo que o cerca.

Neste cenário, os sujeitos podem afastar-se ainda mais das suas singularidades e não vivenciam verdadeiramente novas experiências. Estas reflexões remetem-nos a Jorge Larrosa e a sua produção intitulada como: Notas sobre a experiência e o saber da experiência (2002), a qual discorre sobre as

significações das palavras e o quanto estas podem ser criadoras de realidade. Mais uma vez somos convidados a ressignificar palavras conhecidas ao nosso vocabulário formal. Neste artigo, o autor convida-nos a ressignificar a palavra experiência, ao discorrer:

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras [...] E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece [...]. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso (LARROSA, 2002, p. 21, grifo do autor).

O que se vê, se é e se sente tem relação direta com os sentidos que as palavras possuem para os sujeitos. Qual o significado de experiência, por exemplo, no âmbito educacional? Em linhas gerais, a experiência está associada ao tempo de formação e atuação profissional ou consiste no conhecimento obtido através de prática ou vivência, como por exemplo: experiência de trabalho e/ou experiência de vida. No entanto, é possível ressignificar este termo, como algo mais abrangente, sem relação com o tempo que transcorre.

Para Larrosa (2002, p.21), “[...] experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece [...]”. Na modernidade líquida em que estamos mergulhados, com tantos eventos ocorrendo simultaneamente, percebe-se uma sociedade pobre em experiência.

Atualmente, há diversas discussões acerca da superficialidade nas relações, e Larrosa destaca alguns pontos que impedem ou dificultam o experimentar verdadeiramente.

Primeiramente, é possível citar o excesso de informações, uma vez que as tecnologias e redes sociais permitem acessar qualquer informação de fatos que estão ocorrendo no mundo inteiro. Esse bombardeio de informações transmitem uma falsa sensação de apropriação de conteúdo, entretanto é necessário ressaltar que possuir informação não significa possuir conhecimento. Neste cenário, o excesso de informações ocasiona falta de experiência nos

sujeitos, pois essa hiperatividade social propicia excesso de atribuições, sobrecarga profissional e superficialidade de conhecimentos.

Outro fator dificultante para a experiência é o excesso de opinião. Percebe-se que há uma necessidade social na emissão de opiniões nos mais diversos assuntos, como se todos os sujeitos possuíssem lugar de fala para qualquer temática, e aquele que não emite nenhum juízo acerca do que se é discutido, é duramente criticado. Esse desejo absoluto pelas opiniões deve ser objeto de preocupação, uma vez que a maioria delas está pautada apenas em informações superficiais, e não em conhecimento. Neste sentido, surgem indagações: o que conduz o sujeito ao assujeitamento e ao sequestro da sua subjetividade? As pessoas dizem o que pensam ou o que os outros esperam que seja dito?

A falta de tempo é outra característica constante na conjuntura social atualmente. Conciliar trabalho, estudo, relações sociais, contexto familiar e vida saudável parece algo impossível, pois todos estão ocupados demais para “perder tempo” com coisas que julgam não ter tanta importância. Além disso, há o excesso de trabalho, que afasta cada vez mais os sujeitos do conhecimento e do cuidado de si - conceito que adentraremos ao longo desta pesquisa. Para muitos, quanto mais se trabalha, mais se possui experiência. Todavia, percebe-se que quanto mais trabalho, menor a experiência, uma vez que não sobra tempo para que os sujeitos possam ser tocados por novos fatos, onde se acontece muita coisa, mas nada nos acontece.

Bauman (2001) tece críticas sobre a modernidade e suas características ao afirmar que “[...] ser moderno passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos de ficar parado”. No entanto, Larrosa (2002, p.24), afirma que para que algo nos aconteça ou nos toque é necessário um gesto de interrupção que requer “[...] parar para pensar, escutar, olhar, mais devagar [...] demorar nos detalhes, suspender a opinião [...] suspender o automatismo da ação [...] ter paciência e dar-se tempo e espaço”.

Paula (Professora):
Toda essa discussão é fundamental
para o campo educacional.
Provavelmente muitos professores
se identificam com todas essas
características.

(Pesquisadora):
É verdade! Estas ressignificações
de palavras podem ser utilizadas
em diversos campos. Sinto que
esta pesquisa me proporcionará
muitas afetações...

A pós-modernidade é mutável, fluída, passageira e pode não deixar espaço para as experiências. Pelo contrário, ela é quase uma “antiexperiência”, e o mergulho nesta liquidez pode ocultar as singularidades e multiplicidades dos sujeitos. Neste contexto, percebe-se que muitos adotam comportamentos semelhantes, valorizando padronizações, modelos e universalizações, em detrimento das diferenças e subjetividade humana. Para tentar compreender a tentativa de distanciamento daquilo que é diferente, precisamos viajar no tempo.

Historicamente, a diferença era vista como algo negativo, pois causava estranheza por fugir de regras estabelecidas, e segundo Schöpke (2009, p.2), “[...] encontrava-se excluída do Ser – como algo que não pertencia a sua essência”. Ao direcionar o olhar para os dias atuais, devido ao tradicionalismo e conservadorismo enraizados em nosso meio, aquilo que é diferente, “fora da caixinha” ainda é visto como algo a ser combatido.

Entretanto, para Deleuze e Guattari (1992), o divergente é o princípio constitutivo da natureza e deve ser objeto dos pensamentos. A filosofia da Diferença mostra que é fundamental entender o ser como diversidade e ao compreender que somos sujeitos singulares, a subjetividade não deve estar relacionada à centralização dos indivíduos, e sim “[...] compreendida como um processo de produção no qual comparecem e participam múltiplos componentes” (MANSANO, 2009, p.111). Tais elementos estão presentes nos dispositivos, aos quais pertencemos, como família, escola/universidade, religião, entre outros, e interligam-se às linhas de visibilidade e enunciação bem como às relações de poder à que estamos submetidos.

Sobre dispositivo, Castro (2009) discorre:

O dispositivo é a rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regimentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito. [...] O dispositivo estabelece a natureza do nexo que pode existir entre esses elementos heterogêneos. Por exemplo, o discurso pode aparecer como programa de uma instituição, como um elemento que pode justificar ou ocultar uma prática, ou funcionar como uma interpretação a posteriori dessa prática, oferecer-lhe um campo novo de racionalidade. (p. 124)

Deleuze e Parnet (1998, p. 179) afirma que “[...] a filosofia é a teoria das multiplicidades” e não pode ser tida como a filosofia do Uno, devendo ter “[...]”

uma ação criadora (de conceitos) e não uma mera passividade frente ao mundo” (GALLO, 2000, p. 52). Logo, é possível dizer que os movimentos de subjetivação perpassam o nosso ser/estar em sociedade e relacionam-se à maneira como nos constituímos enquanto sujeitos e aos tipos de subjetivação que nos afetam. Corroborando com esta ideia criadora (de conceitos e saberes) Veiga-Neto (2017, p. 44), afirma que para Foucault “[...] o sujeito moderno não está na origem dos saberes; ele não é o produtor de saberes, mas, ao contrário, ele é um produto dos saberes. Ou, talvez melhor, o sujeito não é um produtor, mas é produzido no interior de saberes”.

4 CONVITE Nº 02 – (RE)CONHECENDO PARA CUIDAR

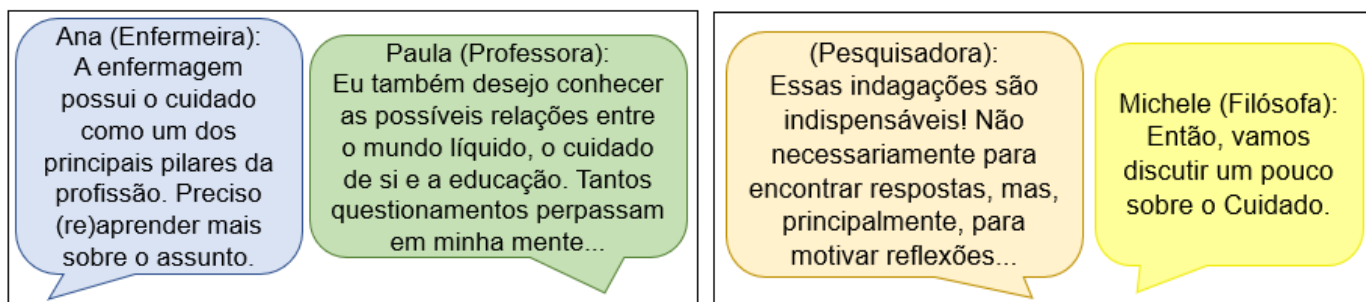
“Se reconhecer por dentro é o mais difícil caminho. Só se vive em multidão, quem sabe viver sozinho”. (ISABELLY MOREIRA)

Temos um novo convite! Após ressignificar palavras e conceitos, convido-o a conhecer outra pessoa muito importante. Espero que ao longo do capítulo possas conhecê-la.

A Filosofia da Diferença permite que vejamos o sujeito como um ser em construção contínua, em diversos campos. Como discutido anteriormente, a pressa e superficialidade do mundo hiperativo contribuem para a desvalorização das individualidades, e são capazes de impulsionar e refletir nas atitudes tomadas. No entanto, há também algo que nos motiva a permanecer nos dispositivos que habitamos, abordado por Rolnik (2011) como desejo.

A presença dos desejos pode contribuir para atração e encantamento em múltiplas relações: amigos, familiares, bem como professores e alunos, e a sua ausência, pode ocasionar desterritorialização por rotas de fuga, como uma forma de resistência ao poder. Desta forma, não há como dissociar os desejos, agenciamentos e subjetividades, pois para Rolnik (2011) “[...] não há desejo que não corra para um agenciamento” (p. 37).

Para conhecer meus desejos reais, diferentes daqueles que a sociedade anseia, necessito imergir dentro de mim, buscando verdadeiramente quem sou. Ao me permitir fazer esta viagem interna, inicio um ciclo: meu autoconhecimento traz o cuidado de si, permitindo vivenciar a verdadeira liberdade e estimulando que eu olhe cada vez mais para dentro do meu eu. A partir disto, exerço uma forte relação de cuidado com o outro, ressaltando que esta não deve ser encarada como uma prioridade, mas como um fator resultante do cuidado de si, não por individualismo e egocentrismo, mas, principalmente, porque apenas posso cuidar do outro a partir da relação que tenho comigo.

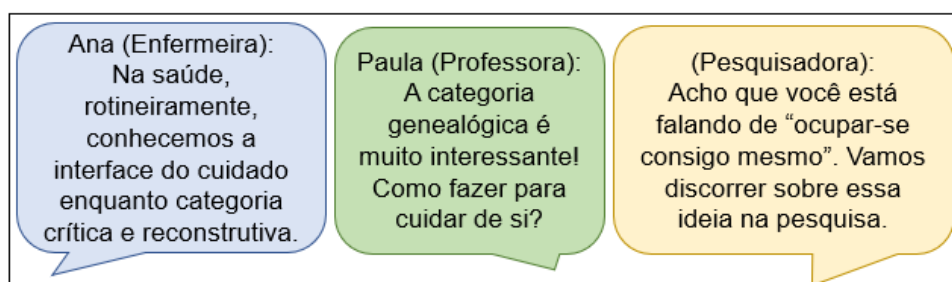


O termo Cuidado, em si, possui diversos deslocamentos e, de acordo com Ayres (2004), pode ser discutido à luz de quatro categorizações: ontológica, genealógica, crítica e reconstrutiva. Enquanto categoria ontológica, é possível tratar o cuidado como uma compreensão filosófica, discutida por Heidegger (1995), onde o cuidado molda diferentes formas de existência. Para este autor, os sujeitos são resultados da sua ocupação consigo como resultado de si, ou seja, ao “tomar-se para si” o ser humano desenvolve a ideia de “responsabilizar-se” e responder por si e para si. Neste sentido, cuidar não consiste apenas em projetar algo, e sim projetar consciente da grandiosidade da sua responsabilidade, tornando possível a compreensão existencial do ser humano como cuidado (GRONDIN, 1999; AYRES, 2004).

Ao que concerne o cuidado como categoria genealógica, Foucault (2019) apontava que o ocupar-se consigo possui pilares na cultura grega, e que esta atitude pertencia apenas aos privilegiados socialmente naquela época. Nesta discussão, o autor discorre sobre o cuidado de si, levando a refletir como se viver da melhor maneira e procurar equilíbrio entre o corpo e a alma. Nesta pesquisa, discutiremos sobre esta teoria à luz de Foucault, e procuraremos adentrar na genealogia do desenvolvimento do cuidado de si como um modo de vida.

Na categoria crítica, Ayres (2004) volta-se ao campo da saúde e discute sobre estas práticas através dos moldes contemporâneos, tecendo reflexões críticas sobre as tecnologias de saúde que tratam da formulação de políticas, interação profissional de saúde-paciente, serviços de saúde, entre outros. Neste sentido, o autor instiga o profissional de saúde a pensar nos “projetos existenciais” das pessoas a quem prestarão assistência, uma vez que as tecnologias de saúde, diversas vezes, podem apagar a forma de perceber as subjetividades dos pacientes, tornando o cuidado indiferente e superficial.

No cuidado enquanto categoria reconstrutiva, propõe-se uma relação dialógica entre as tecnologias da saúde e valorização das singularidades dos sujeitos que serão assistidos, de modo que embora os processos terapêuticos apropriem-se da tecnologia, mas não estejam limitados a esta. Neste cenário, evidenciam-se inúmeros desafios para a reconstrução dessas práticas de saúde e cuidado, entretanto, é possível repensar esta configuração ao “voltar-se à presença do outro”, “otimizar interações” e “enriquecer horizontes” (AYRES, 2004).



Foucault (2010) afirma que

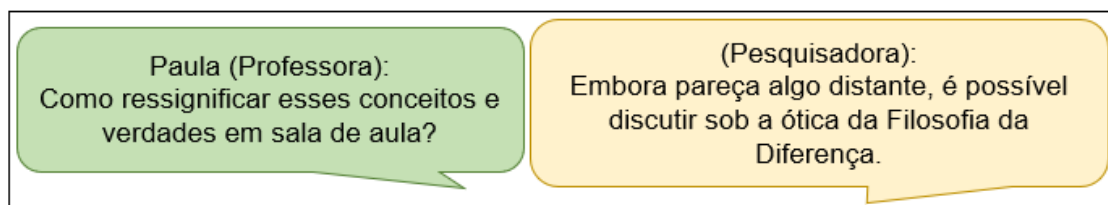
A expressão “ocupar-se consigo mesmo”, quer designar, na realidade, não certa relação instrumental da alma com todo o resto ou com o corpo, mas, principalmente, a posição, de certo modo singular, transcendente, do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos de que dispõe, como também aos outros com os quais se relaciona, ao seu próprio corpo e, enfim, a ele mesmo (p. 53, grifo do autor).

Em meio a este cenário, quando não é possível vivenciar nossas experiências, negamos nossas marcas e minimizamos as subjetivações e, consequentemente, o conhecer-se deixa de ser prioridade no devir de cada um, ocultando as individualidades, dificultando o adentrar-se e o voltar-se para si. Deste modo, não vivenciamos o Cuidado de Si, princípio socrático, que pode possibilitar maior reconhecimento dos desejos e nos impedir de agir como manada.

O cuidado de si, pode ser caracterizado como a forma que o sujeito conduz as suas relações, sendo ele próprio protagonista das suas atitudes, mesmo que isto contrarie o que é aceito do ponto de vista social, moral e legal. Desta maneira, pelo exercício do cuidado, estamos em constante construção e

transformação do nosso meio e podemos conhecer algo profundo em nossa alma: nossas próprias verdades. Entretanto é importante ressaltar que

A verdade como conceito é totalmente indeterminada. Tudo depende do valor e do sentido do que pensamos. Temos sempre as verdades que merecemos em função do sentido daquilo que concebemos, do valor daquilo em que acreditamos (DELEUZE, 1976, p. 49).



A sala de aula, invadida por informações e antiexperiências, mesclada com a ausência do cuidado de si do docente, é atingida por diversas linhas de força que perpassam os sujeitos que compõem esse universo e evidenciam a complexidade do ensinar e do aprender. Referindo-se a este contexto, Deleuze, apesar de não defender uma pedagogia particular ou ser um filósofo da educação, demonstrava interesse com o processo de aprendizado. Em determinada entrevista, publicada por Lemos (2011), o mesmo afirmou que os professores eram apenas comunicadores que forneciam informações generalizadas, do senso comum, em troca de dinheiro, como numa relação interesseira e capitalista.

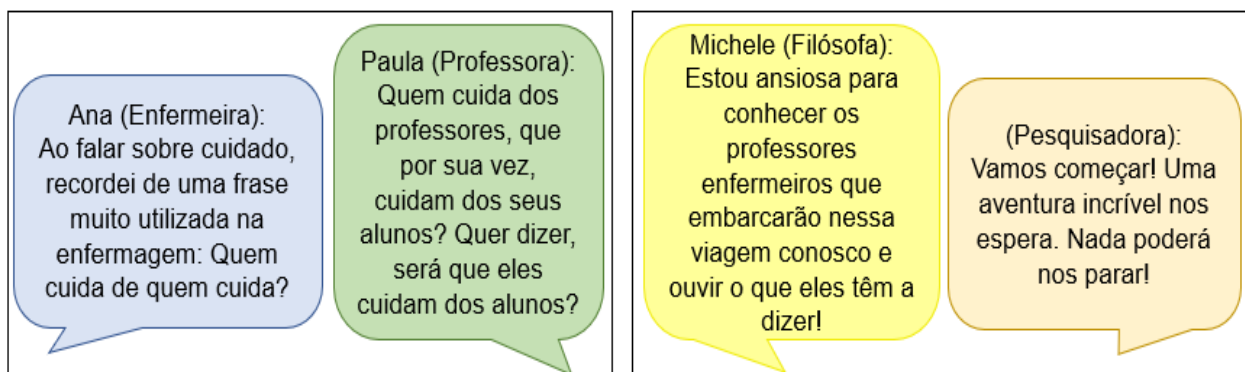
Apesar de parecer controverso em uma primeira impressão, Deleuze pretendia provocar reflexões sobre a retroalimentação do senso comum entre professor e aluno, uma vez que para ele o instante que provoca maior aprendizado em sala de aula não é o que traz respostas imediatistas e prontas, mas, sobretudo, aquele que oportuniza silêncio e introspecção aos discentes, para que sejam acrescidas marcas e subjetivações na aprendizagem.

Para Gallo (2008), na educação rizomática, o professor precisa se libertar do desejo de controlar o ambiente e os discentes, e necessita aceitar que é possível aprender também no caos. É importante discorrer sobre isto, pois no cenário educacional, ainda há valorização de uma hierarquização, ou seja, verticalização na relação entre professor e aluno, alimentada, muitas vezes, pelos próprios docentes, que se colocam como detentores de todo o conhecimento. Logo, faz-se relevante conceber a educação menor, como um

elemento de resistência ao tradicionalismo existente na sala de aula. Neste sentido, “[...] uma educação menor é um ato de singularização e de militância [...], e está no âmbito da micropolítica, na sala de aula, expressas nas ações cotidianas de cada um” (GALLO, 2008, p. 65).

Todos estes movimentos devem se constituir como componentes motivacionais e transformadores, ou seja, “[...] a filosofia da Educação deve ser criativa e criadora, [...] ser o veneno e o remédio” (GALLO, 2000, p. 64). É evidente que solucionar conflitos não é algo simplista, com fórmulas prontas, uma vez que direcionar discentes e docentes ao encontro dos desejos e cuidado de si não é uma atividade fácil, porém, os desafios são necessários.

Diversos fatores podem acarretar, desejos, desterritorializações e subjetivações, porém o mais importante não é identificar as causas desses elementos, mas, especialmente, compreender como o professor torna-se sujeito ativo das suas práticas. É possível que o docente, ao adentrar-se, conheça a si mesmo sendo capaz de governar a si e a outro, ou seja, ao discente, tornando suas aulas terreno fértil para agenciamentos e trocas entre os seus alunos.



5 CONVITE Nº 03 – PROPORCIONANDO SENTIDO ÀS MEMÓRIAS: REVISITANDO O RELICÁRIO

“Se você expressar o que habita em você, isso irá salvá-lo. Mas se você não expressar o que habita em você, isso irá lhe destruir”.
(Jesus – Evangelho de São Tomé)

Este trabalho possui pilares bem definidos: Modernidade Líquida, Cuidado de si, enfermagem e educação superior. Entretanto, um acontecimento inesperado atravessou esta pesquisa, afetando a sua construção e os seus resultados, de forma irreversível. Tenho dois pedidos a fazer: primeiro, peço desculpas, pois enquanto pesquisadora, afirmei no capítulo anterior que nada poderia nos parar. O que estaria por vir, era inimaginável. E por fim, peço licença e te convido para discorrer um pouco sobre o assunto.

Acessar o meu relicário nas páginas que lembram o ano de 2020, mais especificamente a partir do mês de março, me doem imensamente. Eu e o mundo inteiro assistimos, estarrecidos, o surgimento de uma pandemia de Corona Virus Disease (COVID-19), que ceifaria a vida de mais de 600 mil brasileiros.

Um vírus desconhecido, porém, mortal, faria parte da vida de todos, de forma direta ou indireta. Fomos dormir normalmente e, no dia seguinte, acordamos com orientações que pareciam impossíveis de serem cumpridas: não poderíamos mais nos abraçar, sair para tomar um café, reunir a família toda em volta da mesa, em um dia de domingo, frequentar escolas. Teríamos que higienizar com álcool cada item que adentrasse a nossa residência; as mãos precisavam ser higienizadas rigorosamente a cada toque, em qualquer superfície; todos deveriam utilizar máscara facial quando precisasse sair de casa, inclusive essa saída deveria ser rápida e apenas em caso de extrema necessidade.

Inicialmente, acreditou-se que cumpriríamos apenas uma quarentena, e em poucos dias, teríamos a nossa rotina de volta. Eu adoraria dizer que foi apenas isso, porém, infelizmente, tudo se tornou difícil e doloroso demais nos dias que se seguiram.

A doença se espalhou e os pacientes contaminados se multiplicavam e agravavam muito rapidamente. O Sistema Único de Saúde (SUS) que já era sucateado, não tinha condições de receber todos os infectados pelo vírus, mas não havia saída, pois eles procuravam os serviços de saúde, em uma demanda nunca vista antes. Famílias inteiras adoeciam e precisavam de internamento e de assistência intensiva. Mas não haviam leitos!

A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) que trabalho sempre teve perfil de atendimento para pacientes de trauma e clínica geral, ou seja, vítimas de acidentes automobilísticos, de armas de fogo ou acidentes vasculares encefálicos, por exemplo. Mas tudo mudou, porque os pacientes com COVID-19 não podiam esperar. Os pacientes clínicos e de trauma foram transferidos e não havia mais vagas para novos pacientes com este perfil. Receberíamos apenas pacientes suspeitos ou confirmados com COVID-19.

Neste momento, iniciou-se a maior batalha profissional da minha vida. Os profissionais precisaram aprender muitas coisas, dentre elas, a se paramentar/desparamentar adequadamente. Cada vez que repetia esses procedimentos (inúmeras vezes por dia) meu coração acelerava. Utilizamos touca, máscaras N-95, óculos, macacão, luva, propé e face-shield, e apenas os nossos olhos, por trás de todos esses itens, ficavam visíveis, para que pudéssemos olhar nos olhos dos nossos pacientes. Para os profissionais sobravam desconforto, dor, fome, sede, dúvidas, medo! Para os pacientes restavam a solidão, o sofrimento, a incerteza. Para os hospitais faltavam materiais, equipamentos, leitos, protocolos. Para o (des)governo do país faltavam competência para gerir a crise, distribuição adequada de insumos e oxigênio. Faltava empatia, respeito, compromisso com a pesquisa, com os cientistas, com financiamentos para a produção de vacinas (que ainda nem existiam).

Conversando, virtualmente, com uma querida amiga, ouvi o seu desabafo e pedi autorização para explaná-lo: “Quando a gente pensa que não pode piorar, piora! A gravidade dos pacientes que estamos recebendo, as super lotações das Unidades de Pronto Atendimento (UPAS), UTIs e enfermarias... Há reinfecção, variantes virais e falta de vacina. A realidade é uma só. Neste final de semana, 249 pessoas disputavam uma única vaga de UTI aqui em Pernambuco... número

alto? Deixo a reflexão! Hoje recebemos a notícia que abriremos, em caráter de urgência, mais 10 leitos de UTI exclusivos para COVID-19 no hospital que trabalho... São 110 leitos no total, apenas neste hospital, todos lotados e com uma fila de espera que nem deveria existir. Corre porque o paciente já sofre com insuficiência respiratória nos corredores dos hospitais do interior, porque precisa ser intubado e não tem onde, nem tem material. Chegam saturando 40%, é como morrer afogado no seco, longe de água. Quanto sofrimento! [...]"

Nestas terríveis lembranças, que deixam meus olhos marejados, recordo do medo que sentia de me contaminar e levar o vírus para os meus. Orava a Deus, diariamente e incansavelmente, pedindo proteção para que eu não fosse o veículo de adoecimento para quem estava perto de mim. Logo eu, que no plantão fazia além do possível para salvar vidas, temia ser a responsável por espalhar a doença em outros ambientes. Meu sofrimento enquanto enfermeira era gritante, mas, esta condição também se expandiu para os outros âmbitos da minha vida.

Enquanto docente, tudo era muito novo: aula exclusivamente online, uma tela fria e silenciosa, câmeras dos estudantes desligadas e a incerteza se alguém me ouvia ou se estava sendo compreendida. Me deparei com alunos assustados, mergulhados no isolamento das redes sociais e das superficialidades; outros professores desmotivados e com muitas dificuldades com as tecnologias que nos foram impostas. Não havia mais espaço para discussões enriquecedoras, não havia acolhimento e tampouco previsão de tempo para nos unirmos, presencialmente, novamente.

Como pesquisadora, prestes a iniciar a produção de dados da dissertação, necessitei modificar a metodologia do trabalho, tão bem planejada e desejada por mim e pela orientadora. Se realizar uma cartografia da subjetividade humana era algo complexo e inovador, como seria executar ela virtualmente? Após questionamentos e um tempo de inércia, decidimos que era necessário continuar, pois a pesquisa seria importante para todos: para mim, para a orientadora, para a academia, para os professores enfermeiros e discentes de enfermagem que um dia poderiam ter acesso à essa leitura, para a ciência, educação, enfermagem e filosofia.

Ao longo de um ano e meio, as estatísticas melhoravam e pioravam com frequência, e acompanhávamos tudo em um misto de desespero e esperança. Nestes intervalos, a vacina foi criada e as primeiras doses seriam destinadas aos profissionais de saúde que atuavam na linha de frente contra a pandemia.

Recordo, nitidamente, o dia que me tornei completamente imunizada, através da vacina, e relembrei os dias mais difíceis dos últimos meses. Batalhei por meses, em uma guerra injusta, com um inimigo invisível, mas com um potencial de mortalidade inacreditável. Também lutei contra outros inimigos: ignorância, irresponsabilidade, *fake news* e corrupção. Senti profundamente a perda de cada paciente, de cada história que findou sem direito à despedida, chorei durante as chamadas de vídeo entre os pacientes e familiares, agradecendo por eles não enxergarem a minha fragilidade e lágrimas, devido a grande quantidade de equipamentos individuais no meu rosto.

Ao retornar para casa, após os plantões, não podia descansar, pois novos protocolos de saúde surgiam a cada dia, e eu precisava estudá-los para garantir que a assistência fosse pautada na cientificidade, responsabilidade e ética. Abduquei completamente da minha vida social, para tentar proteger outras pessoas.

Após muito tempo, a vacina chegou para todos e a esperança voltou a preencher muitos corações, embora muitos outros permaneçam dilacerados pelas perdas. Me emociono em saber que em um momento futuro, recordarei orgulhosa ao saber de qual lado lutei nessa guerra.

Neste emaranhado de sentimentos e profissões, misturados em uma única pessoa complexa, múltipla, porém singular, o significado deste trabalho iluminou ainda mais a minha jornada.

Foi necessário transcender a teoria e as palavras escritas/faladas através desta pesquisa. Precisei adentrar-me, conhecer-me e cuidar de quem sou, para que pudesse me manter firme nas batalhas diárias, e em tantas linhas que me perpassaram e atingiram.

Não há um caminho específico, não há receita ou fórmula, porque em meio a complexidade dos sujeitos, cada um deverá conduzir seus próprios

passos, desbravar a sua própria trilha, descobrindo – parafraseando Caetano Veloso – a dor e a delícia de ser o que se é. Inúmeras afetações, subjetivações mútuas e marcas estão presentes neste devir. Reabrirei este relicário, nestas páginas, todas as vezes que necessitar reafirmar que foi muito difícil, mas possível e fortalecedor.

6 CONVITE Nº 04 – INTERLIGANDO CENÁRIOS

“Há multidões em mim. Na mesa de minha alma sentam-se muitos, e eu sou todos eles”. (Friedrich Nietzsche)

Após as discussões iniciais e apresentação do percalço inesperado que ocorreu durante a construção deste trabalho, neste capítulo a enfermeira Ana, a professora Paula e a filósofa Michele te convidam a conhecer um pouco mais sobre suas percepções, e de outros colegas de trabalho, durante o período que as pesquisadoras deste trabalho realizaram a cartografia. Fizemos um recorte no tempo, como uma fotografia, e captamos o que se passava em momentos específicos, do complexo rizoma, existente em cada um. Marcas, subjetivações e agenciamentos se encontram e proporcionam inúmeras afetações, fazendo-nos perceber que sob a à luz da Filosofia da Diferença, surgem olhares e aprendizados outros.

Convido-o a conhecer Luiza, Madalena, Larissa, Céu e Maktub, professores enfermeiros, que aceitaram ser cartografados. Estes foram os nomes que escolheram e desejam ser chamados neste momento. Eles estarão presentes nos quatro cenários que serão apresentados a partir de agora, pelos olhares de Ana, Paula e Michele.

6.1 Cenário 1: Pelo olhar de Paula (Docente de um Curso de Enfermagem)

Desejamos investigar possíveis relações entre a modernidade líquida e o cuidado de si na prática docente de professores de enfermagem de um centro universitário. E, para tal, é necessário considerar que vivemos em uma sociedade que traz consigo diversos traços da liquidez pós-modernidade: sobrecarga, superficialidade, ausência de tempo e efemeridade, por exemplo. Neste sentido, gostaríamos de identificar se estas características poderiam afetar a maneira que alguns professores enfermeiros direcionam os seus olhares para o seu interior, conhecendo-se, adentrando-se e cuidando de si e, conseqüentemente, quais destas afetações poderiam refletir em sua prática enquanto docente.

Para investigar estas relações, Paula participou da construção das cartografias e conversou com outros docentes de um curso de Enfermagem. A partir de agora apresentaremos trechos obtidos, através das etapas metodológicas, que desvendaram o percurso da pesquisa: imagens, questionário, desenhos dos mapas narrativos, discursos e escrita de carta a si. Em alguns momentos, Michele (filósofa) a acompanhou para que pudessem compreender melhor os eventos, sob a ótica da Filosofia da Diferença.

Paula estava apreensiva, pois nunca havia participado da construção de cartografias, e esta era ainda mais desafiadora, pois deveria estar atenta a todos os movimentos da pesquisa online, através de telas. Ainda insegura, respirou fundo, pegou na mão da pesquisadora e, juntas, iniciaram o processo.

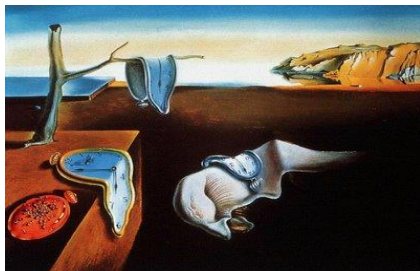
À medida que ia adentrando nos territórios existenciais dos pesquisados, muitas marcas dos outros professores a agenciavam e Paula era invadida por um misto de sentimentos paradoxos: aliviada porque não era a única a sentir-se da mesma maneira, mas triste, por perceber que tantos professores se sentiam assim.

“Tenho trabalhado muito e ficado com pouco tempo para mim. Quer dizer, tempo nenhum. A pandemia agravou isso [...]”. (Céu)

“A sobrecarga de tarefas e excesso de trabalho estão presentes diariamente, ou pelo menos frequentemente, no meu cotidiano pessoal e profissional”. (Larissa)

Inicialmente, Paula não se surpreendeu com estes relatos, pois ao conversar informalmente com tantos colegas, já ouvia discursos semelhantes. Porém, agora era diferente! Ela estava participando de uma pesquisa científica e esta “conversa” não era mais um mero diálogo, e sim, informações que a ajudariam a desvendar movimentos que poderiam ajudar outros docentes futuramente, através deste estudo. Curiosa e desejando conhecer ainda mais outros processos de subjetivações, seguiu em frente, identificando quais elementos do mundo líquido estavam presentes no devir dos professores de enfermagem. Para isto, além de tentar compreender o dito e o “não-dito”, acompanhou as escolhas de algumas imagens.

Figura 1 – Imagem 1: Tempo que não espera



Fonte: Google Imagens (2019)

“A impressão que tenho é que o tempo corre rápido demais. Queria descobrir a fórmula de fazer tudo o que preciso nas 24h que um dia me oferece”. (Luíza)

“Diante das demandas do meu cotidiano e espaços que frequento, percebo que está cada vez mais difícil de gerenciar o tempo, incorrendo em dificuldades do ponto de vista pessoal, profissional e também social”. (Maktub)

Figura 2 – Imagem 2: Correndo contra o tempo e inúmeras funções



Fonte: Google Imagens (2019)

Figura 3 – Imagem 3: Sobrecarga de trabalho



Fonte: Google Imagens (2019)

“Estamos o tempo inteiro correndo contra o tempo, para dar conta de tudo. Precisa trabalhar, cuidar da casa, comer, ter vida social e afetiva, estudar, ensinar e, por muitas vezes, não conseguimos. E aí, vem a frustração e sensação de fracasso”. (Madalena)

De acordo com Sales (2018), a falta de tempo e excesso de trabalho fazem parte da rotina dos profissionais da educação. Para a autora, estes profissionais sempre possuem muito trabalho para realizar, de forma rápida e automática, pois neste mundo pragmático, os fizeram acreditar que “tempo é ouro”. Neste sentido, o sujeito pós-moderno, submerso na liquidez e conectividade, se sente útil e produtivo ao aproveitar cada momento do dia para interagir e executar as atividades do trabalho, visto que para ele, não se pode perder nenhum segundo.

Sob essas reflexões, Paula recordou de uma leitura importante realizada no livro *A morte é um dia que vale a pena viver*, de Ana Claudia Quintana Arantes, publicado em 2016:

Parece que cai bem socialmente dizer que você não teve tempo de almoçar, não teve tempo de dormir, não teve tempo de mexer seu corpo, de rir, de chorar; não teve tempo de viver. A dedicação ao trabalho parece estar ligada a um reconhecimento social, a uma forma torta de se sentir importante e valorizado; tudo a sua volta tem a obrigação de entender que o mundo só pode girar se você estiver empurrando (ARANTES, 2016, p. 30).

Para Bauman (2011), o sujeito da modernidade líquida está sempre conectado à internet e se sente bem por possuir uma vida online ativa e por executar diversas atividades ao mesmo tempo. Este sujeito, com este modo de vida, é chamado por Queiroz (2016) de hiperativo sócio virtual, possuindo como principais características a conectividade e o excesso de tarefas.

Durante a cartografia, Paula observou que os professores citaram algumas palavras que estão presentes, frequentemente, no seu espaço de ensino (sala de aula ou campo prático de estágio) e, dentre tantas, essas atingiram as suas marcas: Trabalho, estudo, responsabilidade, dificuldades, cansaço e amor.

Estas palavras e imagens, para Paula e os demais colegas de trabalho, representam um ciclo dentro da prática docente: é necessário dedicação para estudar, pois o seu trabalho está diretamente ligado ao estudo. No entanto, há muitas dificuldades, especialmente no gerenciamento do tempo, gerando exaustão e cansaço. Porém, motivados, também pelo amor à docência, a cada dia, o ciclo se repete.

A profissão docente é fortemente sobrecarregada, não exclusivamente por ensinar disciplinas, mas por cobranças de resultados, falta de autonomia, pouca infraestrutura das instituições de ensino e relações conturbadas (LIMA; CARVALHO; 2013). Para Dworak e Camargo (2017), estes fatores podem gerar desgastes e sentimentos de desprofissionalização, ocasionando mal-estar nos professores e baixa qualidade de vida. Somados a isto, o contexto pandêmico e a nova modalidade on-line das aulas exigiram dos docentes a utilização de

recursos tecnológicos, a partir de ferramentas que muitos não possuíam conhecimento específico para manejar (OLIVEIRA; JÚNIOR, 2020).

Seja em sala de aula física ou virtual, a tecnologia invadiu ainda mais a vida dos docentes e discentes e, de acordo com Maciente (2020), a pandemia estimulou a disseminação de tecnologias digitais, relacionadas ao trabalho e automatização de tarefas. Nesta conjuntura, o Brasil figurou como o segundo país da América Latina a utilizar o celular por mais tempo na pandemia (OPENSIGNAL, 2020).

Para ilustrar estes movimentos, Paula observou a escolha da imagem da professora Larissa:

Figura 4 – Imagem 5: Ilhados nas tecnologias



“Essa imagem mexeu muito comigo. Às vezes enxergo minhas aulas assim: eu – e me incluo nisso – e meus alunos, perdidos em ilhas, isolados, perto de muita gente pela internet, mas longe de si próprio”. (Larissa)

Fonte: Pawel Kuczynski (2016)

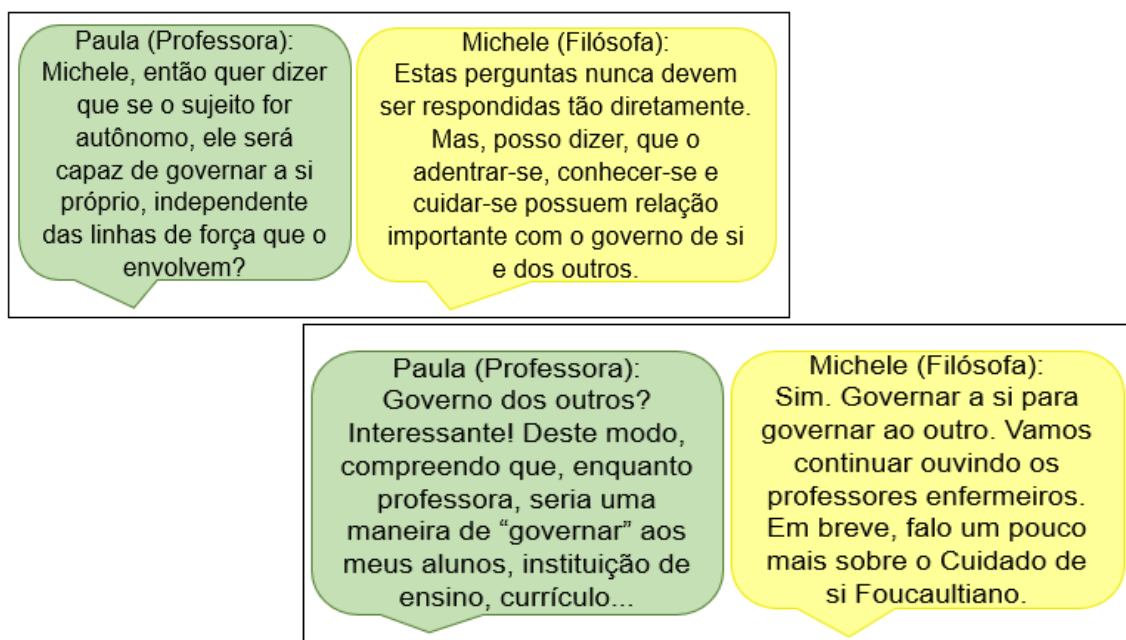
Através destas experiências, Paula e Michele faziam conexões entre a realidade dos professores e o que era discutido na filosofia.

Para Bauman (2014), no mundo virtual, estamos em uma “confortável invisibilidade”, visto a facilidade em construir ou desfazer relações virtualmente. Nestes casos, os encontros são realizados por internet, através de dispositivos eletrônicos, permitindo diminuir espaços entre pessoas que estão a quilômetros de distância, ao mesmo tempo que pode distanciar pessoas que estão próximas fisicamente (SALES, 2018).

Embora diversas linhas de força perpassem pelos sujeitos, nesta complexa rede de tecnologias, é necessário ressaltar que, de acordo com Foucault, as subjetividades são construídas a partir das práticas que os indivíduos estão inseridos (SILVA, 2014). Sobre isso, Deleuze (2005) discorre:

[...] A luta por uma subjetividade moderna passa por uma resistência às duas formas atuais de sujeição, uma que consiste em nos individualizar de acordo com as exigências do poder, outra que consiste em ligar cada indivíduo a uma identidade sabida e conhecida, bem determinada de uma vez por todas. A luta pela subjetividade se apresenta então como direito à diferença e direito à variação, à metamorfose. (p. 113)

Para Foucault (2010), os sujeitos resistem às relações de poder, capazes de subjetivá-lo, a partir da defesa da liberdade e da autonomia, onde o mesmo “[...] sabe reconhecer as forças do fora e escolher aquelas que ele deseja que o afete, que o atravesse, que o subjetive! Ou seja, o sujeito só é subjetivado pelas forças que ele deseja, que ele escolhe” (SILVA, 2014, p. 17). Deste modo, o sujeito autônomo é capaz de cuidar de si e se governar.



Após conhecer a Filosofia da Diferença, a pesquisadora desse trabalho, bem como Ana, Paula e Michele, gostaria que muitas pessoas também pudessem conhecer sobre essas teorias. Esse desejo existia porque a vida profissional, pessoal e social de cada uma havia sido afetada, positivamente, desde que passaram a perceber as diferenças como algo a ser naturalizado e aceito; a compreender a multiplicidade dos sujeitos e a discutir sobre os agenciamentos e linhas de fuga presentes nos mais diversos cenários de trabalho.

Durante as cartografias, os professores expressaram suas percepções e curiosidades acerca do Cuidado de si e da Filosofia da diferença:

“Acredito que o cuidado de si envolve uma dimensão do cuidado que requer uma dedicação e uma disponibilidade maior. Fiquei curiosa [...] Qual autor que você estuda e fala sobre isso?” (Céu)

“Não conheço o termo na filosofia, no entanto, acredito estar relacionado a um cuidado que transcende o físico. Cuidar de dentro para fora. Tenho buscado isso mais recentemente, mas a sobrecarga de trabalho, muitas vezes, nos distancia dessa perspectiva. Chega um momento que a gente anseia por isso, e por isso, tenho tentado cuidar mais de mim”. (Maktub)

“Se refere ao cuidado que se tem consigo mesmo [...] Quanto tempo se dedica a isso, como se manter em uma rotina de corpo e mente saudáveis. Sei que deveria me cuidar mais, pois tenho dedicado minha vida ao trabalho e a minha filha e, de fato, a preocupação comigo fica em segundo plano”. (Madalena)

A partir destes discursos, Paula e Michele recordaram de algumas discussões filosóficas. Para Gros (2010), o cuidado de si deve transcender um conceito, uma teoria e um princípio. Deve ser visto como uma prática, atitudes ou ações que nos constituam como sujeitos responsáveis pelos próprios atos. De acordo com Foucault (2010), no livro *O Governo de si e dos Outros*, só é possível cuidar de si, de maneira contínua e permanente e, para isto, é necessário considerar o princípio do *gnôthi seautón* (do conhecimento de si), ou seja, ninguém cuida de si, caso não se conheça. O autor ainda acrescenta que “[...] não se pode cuidar de si mesmo, se preocupar consigo mesmo, sem ter relação com outro” (FOUCAULT, 2010, p. 430).

Paula seguia com a cartografia, ansiosa e em busca das subjetividades dos professores enfermeiros. Neste processo, observou que eles se inquietavam com a possibilidade da ausência do cuidado consigo, de acordo com suas percepções, afetar as suas práticas docentes:

“Para que eu ensine aos meus alunos, primeiro tenho que ter aprendido. Para que os ensine a cuidar de alguém, preciso me cuidar antes. Mas como fazer isso?” (Luiza)

“Apesar de toda essa falta de tempo e correria, eu até estava tentando controlar minha alimentação, fazer atividade física, meditar (risos). Mas desde que começou a pandemia, descontrolei tudo. Acho que não me cuido [...]. Tenho medo disso tudo refletir nos meus métodos de ensino, porque a gente é um conjunto. Se uma coisa desanda, todo o resto acompanha”. (Céu)

Fazendo uma analogia entre a pós-modernidade e a Grécia Antiga, onde os Mestres guiavam os seus discípulos em busca do cuidado de si, os professores, atualmente, também podem ajudar os seus alunos nesta busca. Porém, para tanto, conforme já mencionado, é necessário que seja um ser autônomo e conhecedor de si. Para Foucault (2010), em *A Hermenêutica do Sujeito*, o mestre é fundamental na mediação da relação do indivíduo com a sua própria constituição enquanto sujeito, afirmando que “[...] o mestre é aquele que cuida do cuidado que o sujeito tem de si mesmo e que, no amor que tem pelo seu discípulo, [...] cuida do cuidado que o discípulo tem de si próprio” (FOUCAULT, 2010, p. 55).

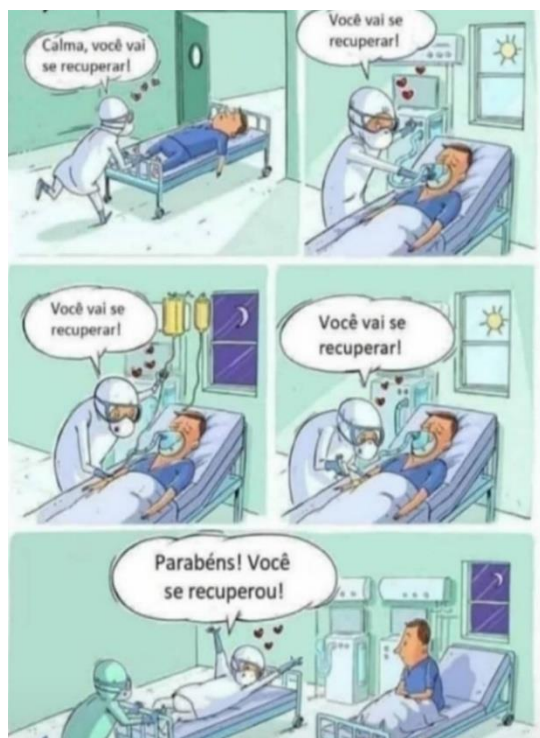
6.2 Cenário 2: Pelo olhar de Ana (Enfermeira Intensivista)

Muitos acreditam que para ser enfermeiro é necessário ter um dom, amor, empatia, humanização e dedicação. E sim, é verdade! Entretanto, vai além e transcende essas características. É fundamental que este profissional possua um olhar atento, clínico e crítico e, para tal, é necessário muito estudo, conhecimento científico, habilidades técnicas e ética.

Conforme discutido em outro capítulo, a enfermagem tem o cuidado como um dos principais pilares da profissão. Entretanto, na maioria das vezes, este cuidado é direcionado ao próximo, como se o enfermeiro estivesse destinado a cuidar de si, apenas após cuidar do outro e, neste contexto, muitos deles podem estar adoecendo, do ponto de vista físico e emocional.

Para Ana, estas narrativas se confirmaram, após ouvir seus amigos enfermeiros, especialmente sobre a forma como percebem o cuidado ao outro e a si.

Figura 5 – Imagem 9: Adoecimento profissional



“Lembra que a OMS diz que saúde é o estado de bem estar físico, social, espiritual...? Então, para ter saúde, eu tenho que cuidar de mim. E neste sentido, cuidado envolve todo esse contexto.” (Madalena)

Fonte: Google Imagens (2019)

“Me senti muito representada nessa imagem. Ultimamente está sendo mais difícil. As atribuições e cobranças são tantas e cuidamos tanto do outro que vamos nos deixando de lado, deixando para depois, a ponto de adoecer.” (Céu)

“Trabalhamos diária e incansavelmente em busca do bem estar e saúde de outrem e essa luta nos leva ao adoecimento, não apenas físico, mas, principalmente, emocional”. (Maktub)

Conforme discutido anteriormente, a pandemia de COVID-19 acarretou diferentes problemas laborais em diversas profissões, especialmente, aos profissionais de saúde. O cenário, que já não era favorável anteriormente à pandemia, foi agravado após ela, expondo estes profissionais à processos de adoecimentos de ordem física e/ou psíquica, como a Síndrome de Burnout, por exemplo (RIBEIRO; VIEIRA; NAKA, 2020).

De acordo com Bao et.al. (2020), o aumento da carga horária de trabalho, um ambiente com déficit de recursos, ausência de apoio e alto grau de complexidade no quadro clínico dos pacientes, podem se configurar como

gatilhos para o desenvolvimento ou intensificação de distúrbios psicológicos e osteomusculares, além de desgaste físico e mental.

Para Saidel, et al. (2020), a pandemia permitiu perceber múltiplas fragilidades acerca da saúde mental dos profissionais de saúde, da linha de frente de combate ao vírus, em diversos países, incluindo o Brasil. Corroborando com estas informações, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), informou que no nosso país, houve aumento de 660% de profissionais afastados em um único mês (HUMEREZ, et al., 2020).

“Eu queria cuidar mais de mim. Mas a gente já vive mal acostumado, né? Acho que nem sei o que fazer para ter esse cuidado. Só sei cuidar dos outros.”
(Luiza).

Ao ouvir isto, Ana recordou de Michele (filósofa), e de uma narrativa, de um autor desconhecido, contada por ela:

“A mãe levou seu filho ao Mahatma Gandhi e implorou:

- Por favor, Mahatma, peça ao meu filho para não comer muito açúcar, pois faz mal à saúde.

Gandhi, depois de uma pausa, pediu:

- Traga seu filho daqui há um mês.

Um mês depois, ela voltou com o filho. Gandhi olhou bem fundo nos olhos do garoto e disse:

- Não coma muito açúcar, pois faz mal à saúde.

Agradecida - mas perplexa - a mulher perguntou:

- Por que me pediu um mês? Podia ter dito a mesma coisa antes!

E Gandhi respondeu:

- Há um mês, eu estava comendo açúcar. Não posso exigir dos outros aquilo que não pratico”.

<p>Ana (Enfermeira): Pensando em tudo isso, percebo que para mim, meu trabalho só fará sentido se, primeiramente, eu me dedicar a cuidar de mim!</p>	<p>Ana (Enfermeira): Como diria Arantes (2016): “Posso cuidar do sofrimento do outro, pois estou cuidando do meu!”</p>
--	--

6.3 Cenário 3: Pelo olhar de Michele (Filósofa)

Conhecer tantas faces do Cuidado tem sido enriquecedor e transformador. Discutir sobre o assunto com enfermeiros, professores, pesquisadores e filósofos é agenciador e, parece ser um assunto inesgotável.

A escolha de uma imagem, pelo professor Maktub, impactou Michele de uma forma especial:

“A falta de gratidão nos leva a uma insatisfação duradoura que, conseqüentemente, nos encaminhará à vazios e frustrações. Ser grato não significa “estacionar” no tempo e se acomodar, mas perceber as miudezas, como se fossem grandes coisas”.
(Maktub)

Fonte: Google Imagens (2019)

Figura 6 – Imagem 6: Eterna insatisfação



Para Maktub, Michele e pesquisadora, ser grato também pode ser uma forma de cuidar da sua alma, do seu interior. É cuidar de dentro para fora, enxergando grandeza em pequenos detalhes. É uma maneira de desligar-se do automatismo, superficialidade e pressa, tão presentes no cotidiano do sujeito pós-moderno.

Em todo este contexto, Michele, agenciada pela Filosofia, adentrou em conceitos foucaultianos acerca do cuidado relacionando-o à docência.

É importante que o professor busque o cuidado de si, como propõe Foucault (2010), visto que esta prática pode interferir nas suas condutas pedagógicas. Desta forma, o docente deveria ser um sujeito autônomo, constituído da prática do cuidado de si, que domina as suas próprias subjetivações, a partir do conhecimento que possui de si mesmo. Ao falarmos na autonomia do sujeito, faz-se necessário ressaltar que esta não é algo que

pode ser concedido a alguém, mas configura-se como uma conquista, uma força que vem de dentro para fora, e não no movimento contrário.

Entretanto, de acordo com Silva (2014), não é fácil para o professor exercitar sua autonomia nos espaços de ensino, pois muitas relações de poder o atingem dentro do dispositivo acadêmico e, por vezes, ele não dobra estas forças, rendendo-se a estes movimentos e às subjetivações.

Podemos perceber os modos de subjetivação como as práticas que possibilitam a constituição dos sujeitos que, para Foucault, possui duas óticas. A primeira refere-se a maneira como o sujeito se configura como objeto dentro das relações de poder e saber, e a segunda está relacionada ao cuidado de si (SILVA, 2014).

Segundo o modo moderno de subjetivação, a constituição de si como sujeito é função de uma tentativa indefinida de conhecimento de si, que não se empenha mais do que em reduzir a distância entre o que sou verdadeiramente e o que creio ser; o que faço, os atos que realizo só têm valor enquanto me ajudam a melhor me conhecer. Logo, a tese de Foucault pode ser assim formulada: o sujeito da ação reta, na Antiguidade, foi substituído, no Ocidente moderno, pelo sujeito do conhecimento verdadeiro (GROS, 2010, p. 473).

A bioascese é discutida desde a antiguidade grega, sendo relacionada a práticas, técnicas e exercícios que pretendiam unir a verdade ao sujeito, de corpo e alma. Neste contexto, o cuidado de si era considerado um dever, e precisava ser cumprido rigorosamente através de exercícios de dominação dos prazeres, práticas de abstinência, privações, resistências físicas, entre outros. Por muito tempo, o cuidado de si era praticado por pessoas favorecidas economicamente, na Grécia, e destinado a outros que desejavam governar as cidades (FOUCAULT, 2010).

Foucault (1990) mergulhou e estudou o cuidado de si, em diferentes momentos da história, buscando compreender quais as vias possíveis aos indivíduos, para que possuíssem saberes e entendimentos acerca de si, através das técnicas de si. Dessa forma, certos procedimentos poderiam transformar o sujeito, através de pensamentos e condutas, de modo a encontrar felicidade e pureza. Em outras palavras, o sujeito era constituído como um ser autônomo, livre, sábio e praticante do cuidado de si.

Bovo et al, (2011), discorre sobre o assunto:

Um [novo] estilo de vida; uma [nova] maneira de viver a vida e de encarar todos os acontecimentos cotidianos; um modo de existência de autogoverno, mas que também é uma prática social, pois engloba a relação com outros, se agenciando, escapando por rotas de fuga, dificultando, resistindo, seguindo e proporcionando caminhos próprios e livres [...] (p. 36-37).

Para Muchail (2004), o cuidado de si está direcionado ao sujeito de ação, autoconstituído por práticas que o modificam o tempo todo. É o sujeito que acredita na sua verdade de vida, praticada e exercida, que retorna sobre ele, estabelecendo ciclos/relação circular.

Refletindo sobre as teorias e a cartografia com os professores enfermeiros, Michele percebeu o quão seria importante que estes pudessem conhecer e praticar a autonomia e o cuidado de si propostos por Foucault, visto que a partir disto, eles não se subjetivariam com facilidade pelas relações de poder impostas pelo meio acadêmico e pela liquidez da pós-modernidade.

6.4 Cenário 4: Interconexões: Olhares múltiplos

Durante a cartografia percebeu-se que os professores enfermeiros, atuando na assistência à saúde ou na docência, expressaram preocupação acerca de direcionar o outro sem estarem seguro sobre sua saúde física, mental e emocional, temendo causar sérias consequências, mesmo que inconscientemente, aos seus pacientes ou discentes.

“Dar assistência de saúde ao paciente, sem ter saúde? Parece até brincadeira...” (Céu).

“Pode até parecer clichê, mas é verdade. Só se cuida do outro a partir do cuidado que se tem consigo mesmo. Mas, apesar disso, a gente segue não olhando para si próprio, mas insiste em querer cuidar do outro [...] O famoso: faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. (Larissa)

“Falar sobre isso me deu um estalo agora, sabe? Porque nessa correria toda que a gente vive, fiquei me perguntando se realmente sou uma boa professora? Não adianta saber sobre os conteúdos, saber metodologia, se eu não vejo os meus alunos com sensibilidade, se não identifico se eles realmente

estão aprendendo. Eu me sinto culpada porque o tempo é curto pra cumprir toda a programação que preciso, então, muitas vezes, dou a aula e pronto” (Luíza).

“Acredito que é impossível cuidar do outro, sem cuidar de mim. E pensando isso, me assustei... Fiquei pensando: Qual o impacto que tenho causado na vida dos meus alunos, devido a forma que posso estar levando a minha vida? Quero dizer, talvez, se eu estivesse bem o suficiente e seguro para conversar sobre esses assuntos com os meus alunos, eles levassem esses conhecimentos para a vida profissional deles. Como eu acredito que a educação é transformadora, eu posso transformar a sociedade para o bem ou para o mal, sem nem perceber” (Maktub).

De acordo com Foucault (2010), é necessário conhecer quem sou e não quem eu creio ser e, para isto, devo ser um conhecedor de mim e das minhas próprias subjetividades. Deste modo, o sujeito precisa se conhecer verdadeiramente, para que identifique quais forças poderão atravessá-lo, pois o sujeito autônomo é subjetivado apenas pelo o que ele deseja e escolhe ser.

Tais reflexões produzem questionamentos outros... Estes docentes afirmam que para cuidar do outro, é necessário, primeiramente, cuidar de si. Então, porque este discurso não é materializado em ações, visto que eles percebem a importância desse movimento? Quais as relações de poder que transpassam os professores, de modo que eles permaneçam inertes? Refletir sobre o assunto pode provocar mudanças de atitudes?

Considerando que cada ser possui múltiplas subjetividades e singularidades, para cada sujeito, haveria uma resposta divergente. Entretanto, esta pesquisa deseja suscitar os posicionamentos individuais de cada leitor desta pesquisa.

Durante a construção dos mapas narrativos, algumas questões complementares ajudaram a adentrar ainda mais nos territórios existenciais dos professores. Algumas respostas foram captadas pelo olhar vibrátil das pesquisadoras e estão distribuídas dentro deste capítulo, bem como apresentadas no quadro a seguir:

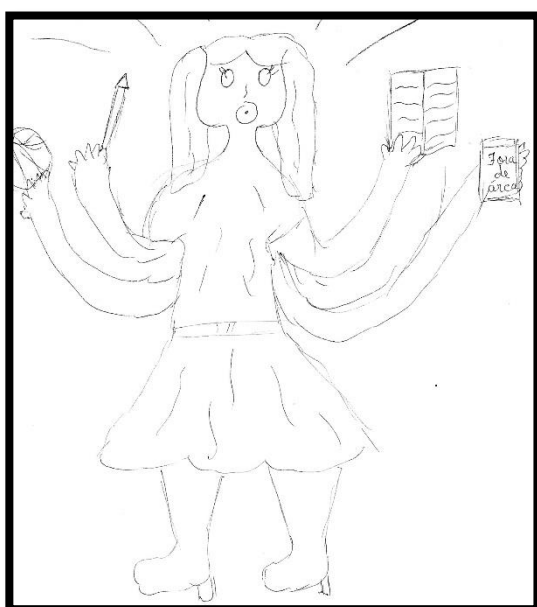
Quadro 1: Respostas do questionário e mapas narrativos

Questionamentos	Respostas
Durante a sua formação acadêmica, a temática de cuidar de si, além do próximo foi abordada de alguma maneira?	<p>- “Não foi abordado não. Naquela época não se falava muito sobre isso. Acho que esse assunto é algo que vem se falando mais atualmente”. (Céu)</p> <p>- “Não recordo. Geralmente o cuidado que a gente discute, é o cuidado ao paciente, né? Mas acho que a gente devia ter uma disciplina sobre isso, principalmente porque somos enfermeiros” (Larissa)</p> <p>- “Não, mas deveria! Aí fico pensando: e eu? Falo sobre isso na minha sala de aula?” (Madalena)</p>
Na sua percepção, o professor que percebe a importância e volta o olhar para si, pode ter uma atuação diferenciada na sua prática como docente?	<p>- “Eu acredito que sim e está doendo um pouco refletir sobre isso”. (Luíza)</p> <p>- “Totalmente. Eu acho que se eu conhecesse melhor as minhas limitações e valorizasse mais as minhas qualidades como professor, eu também teria o mesmo olhar para as limitações e qualidades dos alunos”. (Maktub)</p> <p>- “Sim. O autoconhecimento é necessário também ao professor. Não posso cobrar do aluno, sem cobrar de mim mesma, mas essa cobrança tem que ser sadia. Acho que essa pode ser uma forma de olhar mais para mim e para eles (discentes)”. (Madalena)</p>
Considerando a forma que você vive a experiência da docência, se eu fosse sua aluna, o que você me falaria, neste momento, acerca do cuidado consigo e com o outro?	<p>- “Eu diria: meu amor, não deixe essa correria lhe atropelar. Você é forte e quando parar para conhecer o seu íntimo, vai descobrir isso. Tenha paciência. (Estou dizendo isso para você e para mim também)”. (Luíza)</p> <p>- “Diria o que eu sempre digo quando vejo eles (alunos) prestes a desistirem: a luta é árdua, mas vale a pena, porque tem muitos pacientes esperando por vocês”. (Larissa)</p> <p>- “Olhe para você com carinho, igual você olha para os seus pacientes. Trate seus defeitos com gentileza e não se cobre tanto. A vida vai te devolver o que você der para ela”. (Madalena)</p>

Os professores afirmam ser importante, discutir na graduação, a temática sobre olharem para si e cuidarem-se, bem como acreditam que estas características podem interferir, positivamente ou negativamente, na sua forma de ensinar e formar novos enfermeiros. Além disto, aconselham os discentes a serem pacientes, gentis e a olharem para si, entretanto, através de alguns desenhos, percebe-se que estes discursos estão afastados das suas práticas.

Convidamos os enfermeiros a construírem um desenho que os representassem:

Figura 7 – Desenho de Céu se representando



Fonte: A autora (2021)

“Eu não sei desenhar! Que vergonha! (risos). Mas vamos lá... Essa sou eu! Estou assustada com a quantidade de coisas que tenho que fazer na vida. Desenhei quatro braços e ainda caberiam mais pra poder dar conta! Nas minhas mãos tem os livros e canetas pra estudar e dar aula, celular para as aulas online e redes sociais e uma bola para brincar com meus filhos. Lembrei agora: poderia ter desenhado uma seringa também!”

Figura 8 – Desenho de Luíza se representando



Fonte: A autora (2021)

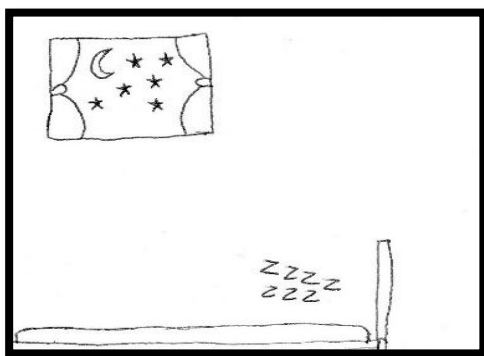
“Não sou duas caras não, viu? (risos). É que é assim: uma parte de mim está alegre, porque estamos todos com saúde e vivos, nessa pandemia! É uma benção! Também não fiquei desempregada como tantas pessoas. Mas, também estou tendo crises de ansiedade, choro muito... É muita responsabilidade, sobrecarga, pressão... Não sei explicar muito bem. Procurei um psicólogo para começar minha terapia”. (Luíza)

De acordo com Andrade (2020), embora o docente possua muitas alegrias inerentes à profissão, estes profissionais estão expostos a diversos fatores estressantes dentro do campo pedagógico. Durante a pandemia, os professores redescobriram-se para cumprir às normas de distanciamento social determinadas pelo Ministério da Saúde e Organização Mundial de Saúde (OMS) e estes esforços podem ter causado desgaste não apenas à saúde física, bem como a saúde emocional dos educadores.

Em estudo publicado por Gouvêa (2016), percebeu-se que duas situações deflagraram processos de adoecimento nos professores: diminuição/ausência de tempo disponível para realizar outras atividades particulares e lazer, e execução do trabalho em condições de esgotamento emocional. Esta é uma realidade antiga, porém, agravada pelo período pandêmico, visto que o COVID-19 trouxe consigo uma necessidade de “reinvenção docente” para o sistema educacional, onde o professor precisa desenvolver métodos ativos, claros e acessíveis, mesmo na ausência de capacitação formativa e condições estruturais para atender esta demanda (PEREIRA; SANTOS; MANENTI, 2020).

Os professores foram questionados sobre os momentos do dia/semana que reservavam um tempo para dedicarem-se a si e o que faziam nesse momento.

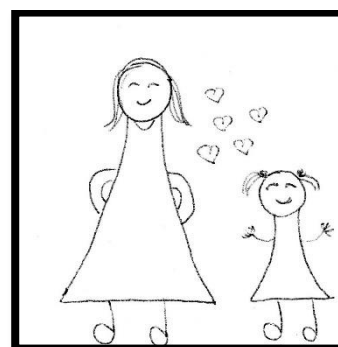
Figura 9 – Desenho de Maktub dedicado a si



“Oxe! Quando vejo passou o dia, a semana. Meu único cuidado é dormir, quando dá tempo”. (Maktub)

Fonte: A autora (2021)

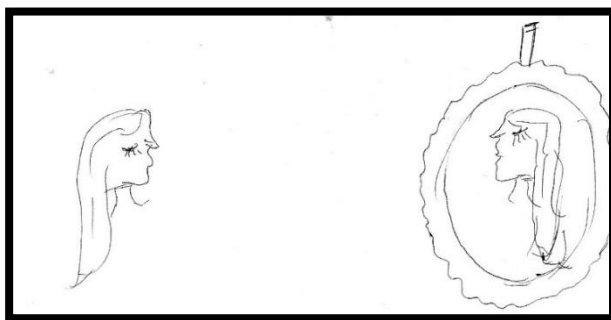
Figura 10 – Desenho de Madalena dedicada a si



“Cuidar da minha filha, todos os dias, quando chego em casa. Cuidando dela, cuido de mim”. (Madalena)

Fonte: A autora (2021)

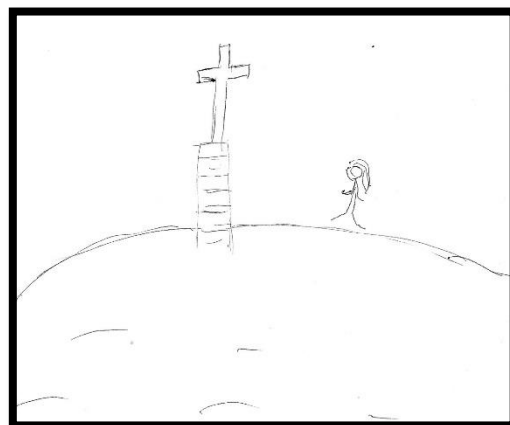
Figura 11 – Desenho de Larissa dedicada a si



Fonte: A autora (2021)

“É uma besteira, sabe? Mas quando não estou bem, paro, respiro e vou pra frente do espelho: Você consegue. É só uma fase. Você é uma pessoa boa e vai conseguir. Acredite”.
(Larissa)

Figura 12 – Desenho de Céu dedicada a si

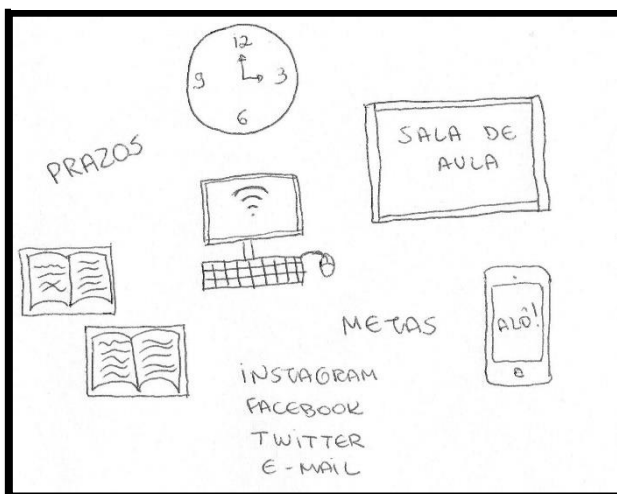


“Eu não abro mão de rezar. Não sei se pra literatura é um cuidado, mas para mim é. É o que me acalma, consola e fortalece. Entro em contato comigo mesmo e com Deus. Aí, fico sabendo o que dizer e o que fazer”. (Céu)

Fonte: A autora (2021)

Os professores também desenharam o que dificultava ou os impedia de passar mais tempo na própria companhia, realizando as atividades que desejavam.

Figura 13 – Desenho de Maktub sobre dificuldades em realizar tarefas

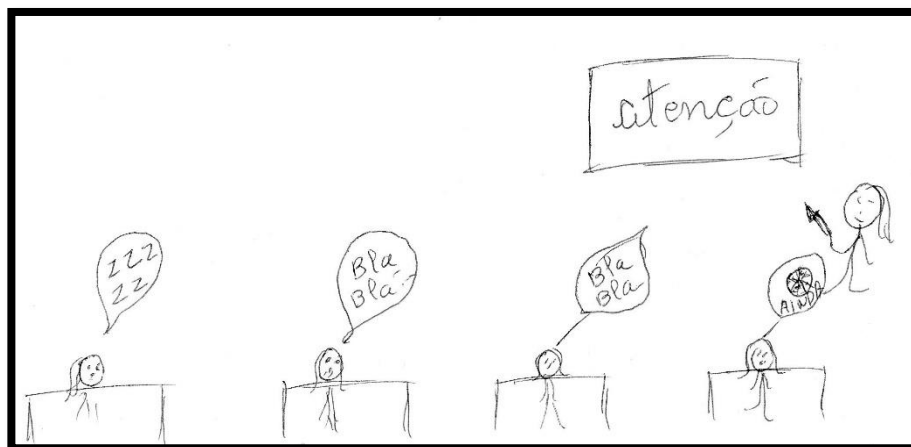


Fonte: A autora (2021)

“Vou usar todas as folhas nesse desenho! (risos). O que me impede? O tempo que é curto, os prazos apertados, as metas que tracei, o tempo para preparar e dar aula, os livros para ler, artigos para construir, o celular que não para, as redes sociais que não consigo parar de olhar!”. (Maktub)

Pedimos que, neste contexto, desenhassem fatores que interferem negativamente durante as aulas e discorressem sobre suas relações com os discentes.

Figura 14 – Desenho de Luíza sobre interferências negativas durante suas aulas



Fonte: A autora (2021)

“É complicado! Os alunos ficam dispersos demais, desatentos, acelerados, olhando o relógio o tempo todo. Outros conversando sobre assuntos que não tem nada a ver com a aula. Outros dormem a aula toda. Eu também entendo, sabe? Alguns já são técnicos de enfermagem e vem do plantão, também possuem uma vida louca como a minha. Eu, já esgotada e cansada também, não tenho muito o que fazer. Finalizo a aula e aguardo a próxima. Mas, às vezes, também uso da minha autoridade como professora”. (Luíza)

Figura 15 – Desenho de Maktub sobre interferências negativas durante suas aulas



Fonte: A autora (2021)

“Deixa eu explicar, senão você não vai entender. Essa é a tela da aula online: eu dando aula e as câmeras deles desligadas. Fico falando, tentando interagir e, às vezes, acho que estou falando sozinho. Um silêncio! É péssimo essa sensação, né? Uma tecnologia que poderia nos ajudar tanto e aproximar, acaba afastando.” (Maktub)

“Esse negócio de falar sobre as relações na faculdade é complicado demais. É como diz a história: cada cabeça é um mundo! Cada um que queira fazer valer a sua opinião. Às vezes não sou ouvida pela coordenação e, de rebote, acabo não dando ouvido aos alunos, e aí já viu [...]. Eu sei que a gente deve ver o aluno como protagonista, né? Mas, às vezes, não tem como porque senão, eles tomam conta da aula” (Céu).

O desenho de Luiza e a fala de Céu levaram a pesquisadora para um outro cenário: o das relações de poder, fazendo-a perceber e reafirmando que as definições de cuidado perpassam por muitos campos e conceitos. Para Foucault (2010) o poder é móvel e não hierárquico, de modo que diversos sujeitos, independente das posições sociais que ocupam, exercem ou são receptores destas relações.

Embora as professoras estivessem falando sobre a face do cuidado mais conhecida pela Enfermagem, a pesquisadora reconheceu neste momento, assim como em outros, o cuidado de si foucaultiano no que não estava visível ou dizível.

Através das suas falas, as professoras demonstraram acreditar que o poder é estático e localizável, seguindo uma hierarquia: universidade-coordenação-professores-discentes, e não percebem as transversalidades envolvidas nestes vínculos. De acordo com Foucault (2010), ser consciente acerca destas relações pode ser considerado como uma condição para a liberdade e é nesta condição que os sujeitos poderão ser capazes de conhecer e exercer as suas subjetividades. Ora, se é na subjetividade e na autonomia que mora o cuidado de si e, por conseguinte, com o outro, nas relações autoritárias e de dominação, não sobra espaço para tais subjetividades e cuidado. Desta forma, percebe-se que as diversas faces do cuidado dialogam entre si, ainda que nas entrelinhas, de forma implícita.

Os professores também foram convidados a escrever uma carta para si, como uma maneira de adentrar-se, e exprimir quais ações praticadas ou desejadas contribuíram ou poderão contribuir para a formação de futuros enfermeiros, através de uma prática docente que promova realização, motivação e inspiração. Todas elas pareciam ter sido escritas pelas pesquisadoras deste trabalho, tamanha a afetação que cada palavra gerava dentro das suas

complexidades, tão únicas e múltiplas. Apesar disto, duas cartas foram escolhidas para serem apresentadas nesta pesquisa.

Figura 16 – Carta de Céu para si

CARTA A SI

Escreva uma carta, direcionada a você, exprimindo o que gostaria de ter feito, o que faz e/ou o que ainda pretende fazer para contribuir com a formação de enfermeiros, através de uma prática docente que te realize, motive e inspire.

OLÁ! DESEJO QUE VOCÊ POSSA LER ESTA CARTA À TEMPO. É QUE FUI DESAFIADA A ESCREVER FALANDO SOBRE CUIDADO, DOCÊNCIA E FORMAÇÃO DE ENFERMEIROS E ME DEI CONTA QUE NUNCA TINHA JUNTADO TUDO ISSO DE UMA ÚNICA VEZ.

EI, PROFESSORA! SUA PROFISSÃO É Linda e É FUNDAMENTAL. JÁ PAROU PRA PENSAR O QUANTO SUA PRÁTICA ATINGE TANTA GENTE? VOCÊ ENSINA OS ALUNOS A CUIDAREM DOS OUTROS: CUIDAR DO CORPO, DA MENTE, DA SOCIEDADE, DOS FAMILIARES E DE TODO MUNDO. MAS, E DE VOCÊ? QUEM ESTÁ CUIDANDO? TEM CERTeza QUE QUER ESPERAR ESSE CUIDADO VIR DO OUTRO? E SE ELE VIER TARDE DEMAIS?

ENTÃO VENHO AQUI DIZER QUE APESAR DO CANSAÇO, DA DESVALORIZAÇÃO, DA FALTA DE TEMPO, DE TODOS OS AFETOS, VOCÊ PRECISA PARAR UM POUCO. VOCÊ MANDA SABER DO QUE GOSTA? AINDA SABE O QUE TE FAZ FELIZ? VOCÊ PRECISA FORMAR BONS ENFERMEIROS, E PARA ISSO, TEM QUE ESTAR BEM! TEM QUE ESTAR MOTIVADA E FELIZ, E ISSO VAI TRANSPARECER NA SUA DIDÁTICA. TODO MUNDO SAI GANHANDO. VOCÊ É INCRÍVEL, TÁ? SEUS ALUNOS TE ADMIRAM E JUNTOS, FAZEM A DIFERENÇA.

Figura 17 – Carta de Luíza para si

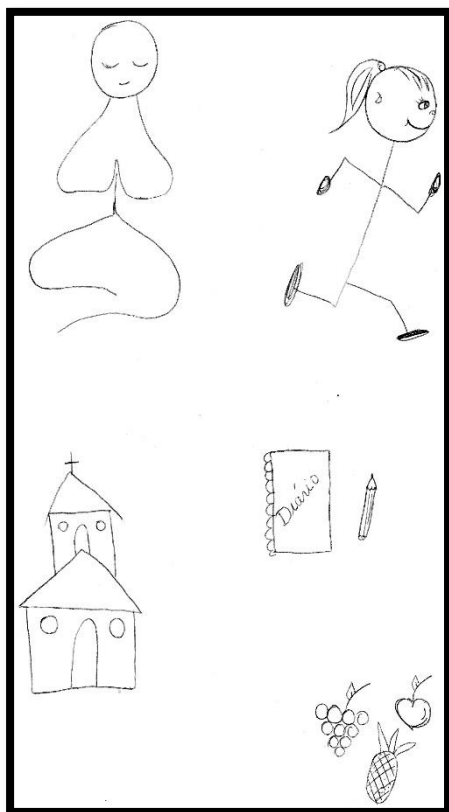
CARTA A SI

Escreva uma carta, direcionada a você, exprimindo o que gostaria de ter feito, o que faz e/ou o que ainda pretende fazer para contribuir com a formação de enfermeiros, através de uma prática docente que te realize, motive e inspire.

Olá, querida Luíza. Há algum tempo escolhemos trilhar esse caminho e compartilhar conhecimento e experiência com outras pessoas. Confesso que quando paro para refletir, me pego pensando em algumas coisas que poderíamos ter feito, como, ter tido uma perspectiva de atuação mais preocupada com a humanização na formação de cada enfermeiro que estive conosco, no entanto, entendo que também estávamos aprendendo a ensinar, afinal, nossa formação nos preparava para o mercado de trabalho e quase nada para a docência, então entender a necessidade de algumas coisas era algo ainda a ser desvelado. Outra coisa que meço é sobre o tanto de vezes que nos deixamos de lado, abdicamos de momentos de lazer, momentos em família, atividade física, ir à consultas (irônico, né?!), tudo isso porque nossa prioridade era trabalhar! Hoje, porém, percebo que graças a Deus muita coisa tem melhorado, estamos cuidando mais de nós e isso reflete muito em nossa satisfação profissional. Espero que continuemos assim, na verdade, desejo que alcancemos mais: mais autonomia, mais valorização, mais satisfação pessoal e profissional, e mais de nós por nós e por aqueles que seguirão percursos parecidos! Com carinho, Lu (Dôcê!).

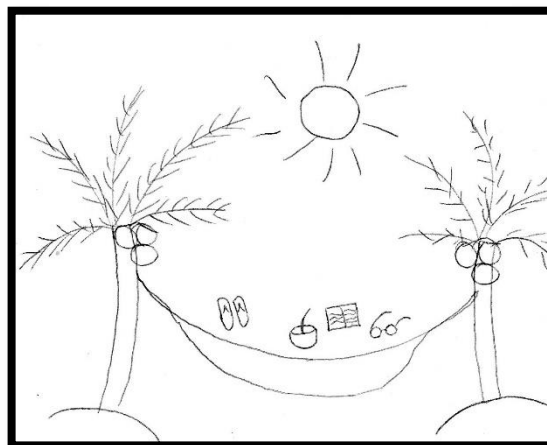
Por fim, pedimos que desenhassem o que representaria, em suas percepções, cenários ideais para o cuidado de si.

Figura 18 – Desenho de Maktub sobre cenário ideal para o cuidado de si



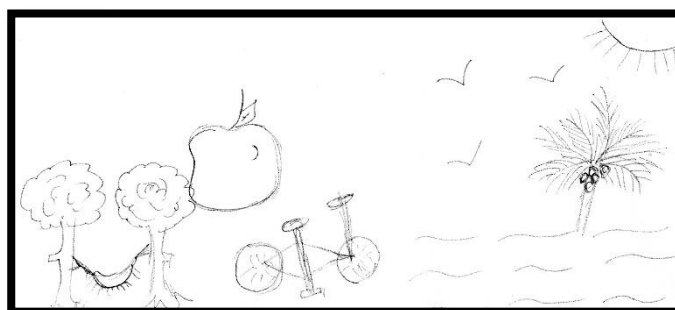
Fonte: A autora (2021)

Figura 19 – Desenho de Larissa sobre cenário ideal para o cuidado de si



Fonte: A autora (2021)

Figura 20 – Desenho de Madalena sobre cenário ideal para o cuidado de si



Fonte: A autora (2021)

Maktub, Larissa e Madalena idealizam cenários com características em comum. No entanto, de maneira geral, citam cuidados como meditação, práticas de atividade física (corrida e andar de bicicleta), espiritualidade, alimentação saudável, exercícios de escrita e leitura e descanso. Eles desenharam com sorrisos nos lábios, desejando que estes cenários se materializassem e pudessem, em um passe de mágica, serem teletransportados.

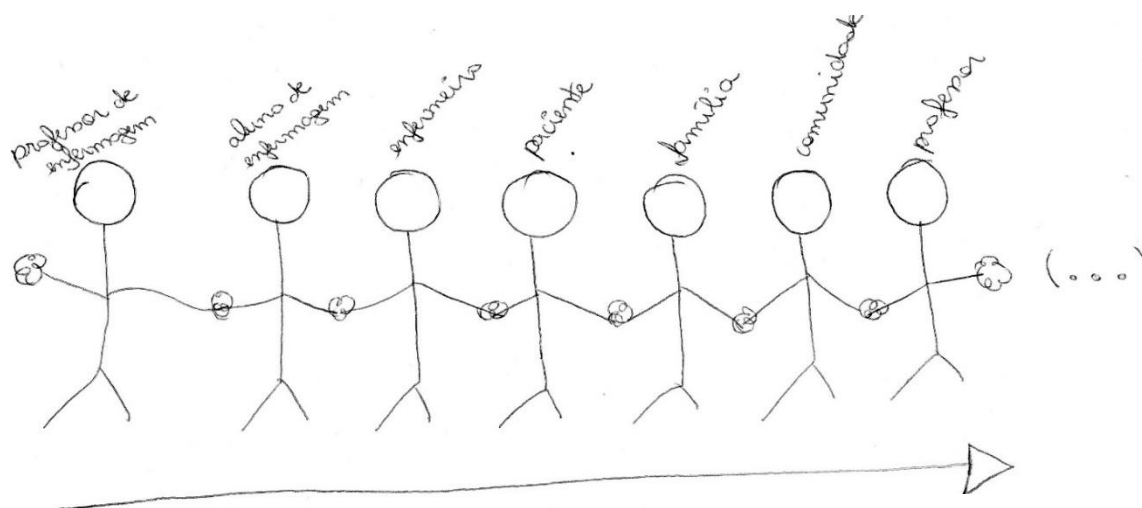
A maior parte destas atividades são de fácil acesso e simples de serem executadas. São pequenos prazeres que permitem que os indivíduos desconectem do mundo virtual e se reconectem consigo, além de não necessitarem de um longo período para realização e nem alto custo financeiro.

Através das respostas encontradas ao longo da pesquisa, os elementos da modernidade líquida dificultam o acesso a estas atividades, de modo que, submersos na corrida contra o tempo e sobrecarga de trabalho, não sobra espaço para conhecerem-se e cuidarem-se, ocasionando frustrações, adoecimentos físicos e emocionais, além de interferências no âmbito profissional, neste caso, na atuação enquanto docente.

De acordo com Mendes e Baccon (2015), faz-se necessário compreender que a docência figura em um grau de complexidade muito maior do que apenas estar apropriado dos conteúdos, disciplinas e métodos. Ser professor pode possuir significados especiais para cada um: compromisso social, humanístico, ético e projeto de transformar a sociedade por meio do seu trabalho. Ser docente consiste no ato de ensinar, mas também perpassa pelas relações interpessoais; refere-se à preocupação com o processo de ensino e de aprendizagem, mas transcende o espaço geográfico da sala de aula; está relacionado à formação de profissionais, mas, sobretudo, na construção de cidadãos.

Desta forma, se o professor não está bem, os discentes, a instituição de ensino e a sociedade também não estão. Neste contexto, Luíza construiu um desenho e, sem imaginar, fez com que a pesquisadora, surpresa, porém feliz, reabrisse o seu relicário nas páginas iniciais, referentes a sua formação profissional. O desenho resgatou os motivos pelos quais a pesquisadora, junto à Ana, Paula e Michele foram agenciadas a pesquisar tantos movimentos subjetivos que perpassam os professores de enfermagem:

Figura 21 – Desenho de Luíza sobre as contribuições do cuidado de si



Fonte: A autora (2021)

“Antes de falar sobre o desenho, eu gostaria de agradecer por ter me convidado a participar da sua pesquisa [silêncio]. Ela mexeu muito comigo, sabe? Porque me tirou de uma zona de conforto, que eu nem sabia que estava [silêncio]. Enquanto a gente ia conversando, eu relembrei do que me fez querer ser enfermeira e depois professora, porque embora eu sempre soubesse, esses sentimentos estavam, acho que estavam adormecidos... Depois de hoje, muita coisa reacendeu em mim, e sei que posso ser melhor para mim e para os meus alunos. E, por isto, fiz esse desenho, que tá feio (risos), mas que teve um grande significado para mim. Eu quis dizer que o professor inicia um processo que vai atingir muitas pessoas, inclusive ele, lá na frente. Porque assim: o professor pega na mão do aluno, que depois vai virar um enfermeiro. Esse enfermeiro vai cuidar do paciente e, quando der, ele volta para a sua família e para a comunidade, de onde vai sair outro professor, outro enfermeiro e assim segue... Ninguém solta a mão de ninguém (risos)!”

Sim, Luiza! Você, Céu, Maktub, Madalena e Larissa nos ajudaram a justificar e dar ainda mais sentido a este trabalho. Nós que agradecemos!

(Pesquisadora):
Passear por estes cenários com vocês foi marcante, transformador e inesquecível!

Michele (Filósofa):
Sim. Todos eles estão interligados, assim como nós, sem um início, meio ou fim!

Paula (Professora):
Como um devir!

Ana (Enfermeira):
Como um rizoma!

7 À FILOSOFIA DA DIFERENÇA: GRATIDÃO

“Gratidão não demanda festa com fogos e fotos, não é joia de exibir a julgar valor, nem notícia de capa de revista [...] Gratidão é uma luz íntima que se acende dentro da gente e que quando se sente, sente... ilumina mesmo apagada”. (SAULO PESSATO – Poema: Gratidão)

Através do olhar de pesquisadora, docente e enfermeira, durante este devir pesquisa, deparei-me com inúmeras afetações e subjetivações que me permitiram encontrar algumas respostas para os questionamentos desta pesquisa. Sob a perspectiva foucaultiana, não é tão relevante preocupar-se com conceitos seguros e/ou engessados nas pesquisas, visto que a linguagem não é estável. Sobre isto, percebo que se nós estamos em constante movimento, a escrita também é movente. E, neste sentido, cada um, ao ler esta cartografia, encontrará as próprias linhas de força e agenciamentos, de acordo com suas marcas e experiências.

Os encontros com os sujeitos deste estudo evidenciaram o quanto estamos inseridos e envolvidos com diversos elementos presentes na modernidade líquida. Estas características repercutem na forma como percebemos a sociedade, conduzimos o nosso trabalho, prestamos atenção ao outro e, especialmente, como direcionamos – ou não – o próprio olhar para si, para dentro e para o que tanto importa.

Ser docente de enfermagem, dentre tantas perspectivas e através das várias faces que o cuidado possui, significa enxergar os sujeitos como seres completos e complexos, e é fundamental que essa percepção também seja direcionada a si e as suas atividades como docente, seja em sala de aula ou em campo prático.

Os professores cartografados nesta pesquisa, embora não conheçam, teoricamente, o cuidado de si discutido por Foucault, desejam que suas práticas sejam pautadas em cientificidade, responsabilidade e técnica e, sobretudo, fortalecidas pela amorosidade, gentileza e holismo, de modo que eles e as universidades contribuam para a formação de enfermeiros competentes, pacientes e autônomos. E, ao considerarmos a autonomia, tão associada ao cuidado de si foucaultiano, compreendemos que este processo pode ser iniciado através do adentrar-se e conhecer a si mesmo, ao mesmo tempo que desta

maneira, poderá ser possível experimentar mais práticas de cuidado consigo e, portanto, com os seus alunos. Todavia, faz-se necessário ressaltar que estas relações transcendem meras práticas, tais como: meditação, atividade física ou espiritualidade, por exemplo. Trata-se, especialmente, de valorizar as próprias subjetividades e não se deixar transpassar por linhas de força que o impedem de transbordar suas experiências, marcas e afetações, seja no campo pessoal ou profissional.

Neste sentido, podemos vislumbrar e acreditar em maiores possibilidades de encontros com professores, estudantes e enfermeiros cada vez mais autônomos e empoderados, capazes de modificar positivamente e continuamente à educação, à docência e à enfermagem.

Desta forma, também preciso agradecer a Filosofia da Diferença, pois encontrar-me com ela tem sido algo transformador em minha vida acadêmica, profissional e pessoal. Nutro gratidão pela luz lançada através das teorias, que me permitem contextualizar Enfermagem e Educação nos mais diversos dispositivos que transito, possibilitando inúmeras experiências.

Para Larrosa (2002, p.21) “[...] experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Esta frase perpassa sobre meus pensamentos a cada vez que me deparo com a Filosofia da Diferença, sendo capaz de transformar minhas ideias e atitudes, além de permitir que eu perceba que não há início e fim em nossa caminhada, mas sim, um constante devir.

Através deste encontro conheci a modernidade líquida e o hiperativismo sócio-virtual, discutido por Bauman (2001, 2011, 2014) e Queiroz (2015, 2016), respectivamente, identificando o quanto estamos inseridos e mergulhados na automaticidade e superficialidade de informações e conexões da sociedade. Hoje, compreendo o que Foucault pretendia discutir sobre nunca seguir as manadas, quando é mais fácil permanecer inerte nas zonas de conforto, sem considerar o Fora e sem dobrar as forças.

Ao considerar o quanto somos singulares e múltiplos tento compreender as relações de Poder, Saber e Subjetividade que atingem em cheio nossas marcas e nos permitem novas experimentações. Há muitos enunciados, visibilidades e linhas de força que atuam sobre nós e possibilitam enxergar o que está além do dito e do visto.

Através deste mergulho, conheci o tão complexo e fundamental Cuidado de si, princípio Socrático, tão imprescindível na minha prática enquanto docente e profissional da saúde, que infelizmente permanece desconhecida para tantas pessoas. Atualmente, sei que a coragem da verdade é determinante para que os meus discursos não sejam dissonantes da minha prática, e percebo que a liberdade só acontece para quem tem cuidado de si e, conseqüentemente, cuidado ao outro.

A Filosofia da Diferença me agenciou de forma irreversível e irremediável. Ela está presente em diversos dispositivos do meu convívio e a percebo nos plantões hospitalares, discurso dos pacientes, relações profissionais, interações em família, diálogos em salas de aulas, prática de estágios com os acadêmicos de enfermagem e em tantos outros dispositivos.

Diante das mais diversas situações, sei que diversas linhas, que formam diagramas, nos transpassam e reagimos conforme o acúmulo de experiências que possuímos, bem como com o que nos tornamos a partir destas vivências. Nesta complexidade de forças que podem libertar ou aprisionar, agenciar ou levar a rota de fugas, alguns desejos serão intrínsecos e outros virão do fora, e todos podem ter seu interesse desperto mais por uma que outras, e todo este contexto pode ser encontrado e aplicado aos sujeitos do ponto de vista pessoal, social e profissional.

Não tem sido fácil compreender a multiplicidade e complexidade dos sujeitos, e nem sempre consigo executar esta tarefa. Tudo bem! Esta nunca foi a minha pretensão. É impossível padronizar pessoas, comportamentos, atitudes e pensamentos quando conhecemos uma teoria que enaltece e desperta beleza no que é diferente. Com Deleuze (1976) e Rolnik (1987, 2011) aprendi que os desejos são imprescindíveis para qualquer coisa ou acontecimento, não necessitando de um início ou fim, constituindo-se como um processo nunca terminado. O meu desejo é permanecer e adentrar ainda mais neste novo mundo revelado, com tantos caminhos, em constante transformação e renovação do que sou e estou.

Sigamos...

Obrigada, Filosofia da Diferença!

Fonte: Google Imagens

Figura 22 – Múltiplos caminhos



REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. S. A. **Adoecimento no trabalho docente em tempos de pandemia: impactos na saúde dos professores dos anos iniciais de uma escola da rede pública do DF**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília – Faculdade de Educação, Brasília, 2020.

ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2016.

AYRES, J. R. C. M. Cuidado e reconstrução das práticas de saúde. **Interface – comunicação, saúde, Educação**, v.8, n.14, p. 73-92, 2004.

BAO, Y. et al. 2019-n CoV epidemic: address mental health care to empower society. **The Lancet**, v. 395, n. 10224, p. 37-38, 2020.

BARBOSA, K.K.S. et al. Sintomas depressivos e ideação suicida em enfermeiros e médicos da assistência hospitalar. **Revista de Enfermagem UFSM**, v.2, n.3, p. 515-522, 2012.

BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Vigilância líquida: Diálogos com David Lyon**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BÍBLIA, A. T. Josué. **Bíblia Sagrada**. Trad. Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio Grande do Sul: Edelbra, 1979, cap. 1, ver. 9.

BOVO, A.A. et al. Pesquisando práticas e táticas em educação matemática. In: **Revista BOLEMA – Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, v.25, n.41, p. 1-41, dez, 2011.

BOVO, A. A. **Abrindo a caixa preta da escola: uma discussão acerca da cultura escolar e da prática pedagógica do professor de matemática**. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Matemática, UNESP, Rio Claro, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, **Diário Oficial da União**, 12 dez. 2012.

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 maio 2016.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Tradução de Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs 1**. São Paulo: Ed. 34, 1995.

_____. **O que é a filosofia?** 2.ed. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Rio, 1976.

_____. **Foucault**. 8 ed. Tradução de Claudia Sant' Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DENZIN, N.K; LINCOLN, Y.S. **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage, 2005.

DWORAK, A. P.; CAMARGO, C. Mal-estar docente: um olhar dos professores. **Educere – XV Congresso Nacional de Educação**, Curitiba, 2017.

FERIGATO, S.H.; CARVALHO, S.R. Pesquisa qualitativa, cartografia e saúde: conexões. **Interface – Comunic., Saude, Educ.** São Paulo, v. 15, n.38, p. 663-675, 2011.

FOUCAULT, M (1926-a984). **A história da sexualidade**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Ediciones Paidós Ibérica, S. A. 1990

_____. **As técnicas de si**. In: FOUCAULT, M. **Dits et Écrits**. Trad. Wanderson Flor do Nascimento e Karla Neves. Vol. IV, pp. 783-813. Paris: Gallimard, 1994.

_____. **A hermenêutica do sujeito – Cursos 1981 – 1982**. São Paulo: WTF Martins Fontes, 2010

_____. **O governo de si e dos outros – Cursos 1982 – 1983**. São Paulo: WTF Martins Fontes, 2010

GALLO, S. O que é Filosofia da Educação? Anotações a partir de Deleuze e Guatarri. **Perspectiva**, Florianópolis, v.18, n.34, p.49-68, 2000.

_____. **Deleuze & a Educação**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GASPAROTTO, G.C.F. **Alfabetização matemática: cartografando as narrativas de alguns alunos da série final do ensino fundamental**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Matemática, UNESP, Rio Claro, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOUVÊA, L. A. V. N. As condições de trabalho e o adoecimento de professores na agenda de uma entidade sindical. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 40, ed. 111, p. 206-219, 2016.

GRONDIN, J. **Introdução à hermenêutica filosófica**. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

GROS, F. Situação do curso. In: FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.457 - 493.

GUATARRI, F. **Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional**. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Aparecida: Ideias & Letras, p.75 – 84, 2004.

GUATARRI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografia do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HUMEREZ, D. C., et al. Saúde mental dos profissionais de enfermagem do Brasil no contexto da pandemia covid-19: ação do conselho federal de enfermagem. **Cogitare enfermagem**, v. 25, p. 1-10, 2020.

LARROSA, J. **Tecnologias do eu e educação**. In: Revista Brasileira de Educação, nº 19, 2002.

LEMOS, F.C.S. Diferença e educação: um diálogo com Hélio Rebello Cardoso Jr. **Artifícios**, Pará, v. 1, n.2, 2011.

LIMA, I. C. S; CARVALHO, M. V. C. Os significados e os sentidos do mal-estar docente na voz de uma professora de início de carreira. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 16, n. 2, p. 295-312, 2013.

MACIENTE, A. N. **Essencialidade, contato interpessoal, teletrabalho e automação das ocupações no mercado formal brasileiro: riscos e potencialidades advindos da covid-19**. Mercado de Trabalho. Julho 2020.

MANSANO, S. R. V. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de psicologia da UNESP**, São Paulo, v. 8, n. 2, p.110-117, 2009.

MENDES, T. C.; BACCON, A. L. P. Profissão docente: o que é ser professor? **Educere – XV Congresso Nacional de Educação**, Curitiba, 2015.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo, v. 5, n.7, p.1-12, 2017.

MUCHAIL, S. T. **Foucault, simplesmente**. Textos reunidos. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

NETO, F. R. G. X. et al. Reflexões sobre a formação em Enfermagem no Brasil a partir da regulamentação do Sistema Único de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 37-46, 2020.

OLIVEIRA, D. A.; JÚNIOR, E. A. P. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. **Revista Retratos da Escola**. Brasília, v. 14, n. 30, p. 719-735, 2020

OPENSIGNAL. **The State of Mobile Network Experience 2020: One Year Into the 5G Era**. Disponível em: https://www.opensignal.com/sites/opensignal-com/files/data/reports/pdfonly/data-2020-05/state_of_mobile_experience_may_2020_opensignal_3_0.pdf> Acesso em: 15/07/2020.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (org). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PEREIRA, H. P.; SANTOS, F. V.; MANENTI, M.A. Saúde mental de docentes em tempos de pandemia: os impactos das atividades remotas. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 3, n. 9, p. 26-32, 2020.

QUEIROZ, S. M; SOUZA, A. C. C. **Educação Matemática: Territórios Outros de Pesquisa**. Vitória. Anais... Vitória: UFES, 2013.

QUEIROZ, S. M. **Movimentos que permeiam o devir professor de matemática de alguns licenciandos**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

_____. A educação em meio ao hiperativismo sócio-cultural do mundo líquido. **Anais...** São Paulo-SP: Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL), 2016.

RIBEIRO, L. M.; VIEIRA, T. A.; NAKA, K. S. Síndrome de burnout em profissionais de saúde antes e durante a pandemia da COVID-19. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, São Paulo, v.12, n.11, 2020.

ROLNIK, S. **Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil**. 1987. Disponível em: <http://pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>. Consultado em: 13/09/2019.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: UFRGS, 2011.

SAIDEL, M. G. B., et al. Intervenções em saúde mental para profissionais de saúde frente a pandemia de Coronavírus. **Revista enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 28, p. 1-6, 2020.

SALES, M. M. L. **Solidez da escola na pós-modernidade: uma viagem pelos caminhos das subjetividades de alguns alunos e de um docente em matemática**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Caruaru, 2018.

SILVA, M. T. **A educação matemática e o cuidado de si: possibilidades foucaultianas**. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2014.

SCHÖPKE, R. **O conceito de “diferença” na obra de Gilles Deleuze**. Disponível em <http://rogsil.wordpress.com/2009/11/o-conceito-de-diferenca-na-obra-de.html>

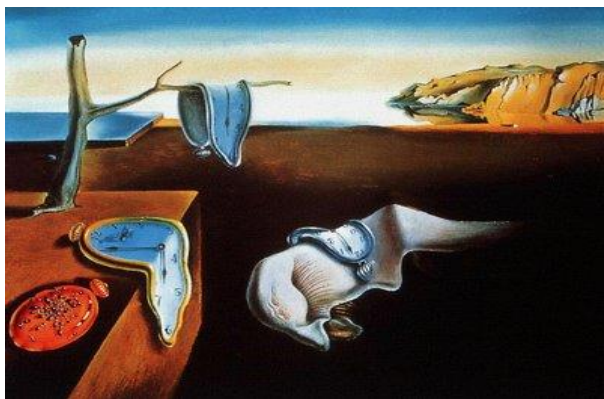
VALENTE, G.S.C. Da formação por competência à prática docente reflexiva. **Revista Ibero Americana de Educação**. Rio de Janeiro, 2009.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

APÊNDICE A – IMAGENS QUE REPRESENTAM A MODERNIDADE LÍQUIDA

Professor, selecione três destas imagens com as quais você possui alguma identificação, seja do ponto de vista pessoal, social ou profissional, comente o que elas significam e descreva o quanto estas características estão presentes no seu cotidiano e lugares que você frequenta.

Imagem 1 – Tempo que não espera



Fonte: Google Imagens (2019)

Imagem 2 – Correndo contra o tempo e inúmeras funções



Fonte: Google Imagens (2019)

Imagem 3 – Sobrecarga de trabalho



Fonte: Google Imagens (2019)

Imagem 4 – Imersão nas redes sociais



Fonte: Google Imagens (2019)

Imagem 5 – Ilhados nas tecnologias



Fonte: Pawel Kuczynski (2016)

Imagem 6 – Eterna insatisfação



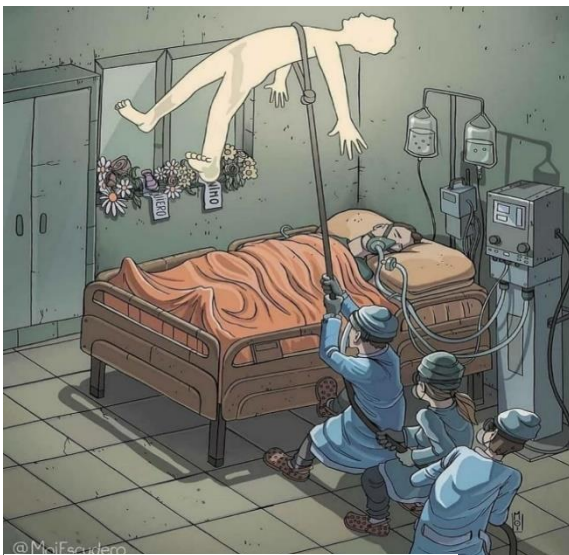
Fonte: Google Imagens (2019)

Imagem 7 – Compulsão por redes sociais



Fonte: Google Imagens (2019)

Imagem 8 – Salvando o paciente



Fonte: Google Imagens (2019)

Imagem 9 – Adoecimento profissional



Fonte: Google Imagens (2019)

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

1. Preencha os itens abaixo:

a) Nome fictício: _____

b) Idade: _____

c) Formação profissional/Titulação:

d) Há quanto tempo atua como professor do curso de enfermagem:

2. Responda:

a) Escreva cinco palavras que te ajudam a definir, atualmente, o seu cotidiano.

b) Destas cinco palavras descritas na questão anterior, escolha e escreva qual (is) também está (ão) presente (s) no seu espaço de ensino (sala de aula ou campo prático de estágio).

c) Você conhece o termo “cuidado de si”, discutido no campo Filosófico? Qual a interpretação que você possui sobre este termo.

d) Com base na sua interpretação, você considera-se um sujeito que “possui” cuidado de si? Discorra sobre a sua resposta, sendo ela positiva ou negativa.

APÊNDICE C – MAPAS NARRATIVOS

DESENHOS

- Faça um desenho que te represente.
- Há algum(ns) momento(s) do dia/semana que você reserva para cuidar de si? Desenhe o que você faz neste momento.
- Desenhe o que dificulte ou te impeça de passar mais tempo na sua própria companhia, fazendo as atividades que você gostaria de fazer.
- Crie um desenho da sua sala de aula/campo prático.
- Desenhe qual a sua representação de sala de aula/campo prático ideal.
- Você poderia desenhar um ou mais fatores interferem negativamente na sua prática docente.

QUESTÕES COMPLEMENTARES

- A enfermagem tem o cuidado como um dos pilares da profissão. O que você entende por cuidado?
- A temática do cuidado de si foi abordada de alguma maneira durante a sua formação acadêmica?
- Na sua opinião, é possível cuidar do outro, sem cuidar de si?
- Você pode falar um pouco sobre as suas relações sociais em sala de aula, com os seus alunos?
- Se eu fosse a sua aluna, o que você mealaria, nesse momento, acerca do cuidado consigo e com o outro?

APÊNDICE D – CARTA A SI

Escreva uma carta, direcionada a você, exprimindo o que gostaria de ter feito, o que faz e/ou o que ainda pretende fazer para contribuir com a formação de enfermeiros, através de uma prática docente que te realize, motive e inspire

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins or other markings on the paper.